

Revista do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA



Ano XX - Número 20
2023

ANO XX - nº 20
2023

REVISTA DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE
FEIRA DE SANTANA

Periodicidade:
Anual

Direitos Reservados:

IHGFS - Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana

Rua Araújo Pinho, 1331 – Bairro dos Olhos D'Água

CEP – 44003-456 – Feira de Santana/BA

Telefone: (75) 3602-8655

Projeto Gráfico

Capa e contracapa: José Angelo Leite Pinto

Diagramação: Alyrio Ribeiro

Revisão:

Dázio Brasileiro Filho

Comissão Editorial

Dir. de Publicações: Lélia Vitor Fernandes de Oliveira

Secretária: Neuza de Brito Carneiro

Membros

Liacélia Pires Leal

Nilton Bellas Vieira

Rosana Mary Pérsico Vieira

Neide Almeida da Cruz

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores, não cabendo qualquer censura do IHGFS.

Permitida a reprodução, desde que autorizada.

Ficha Catalográfica
Biblioteca Central Julieta Carteadó

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana –
Ano 20, nº 20 (dezembro 2023) Feira de Santana

F

V - 20

Anual

1. História, 2. Geografia, 3. Memória – Feira de Santana BA).
Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana.

DIRETORIA 2022/2025

Nilton Bellas Vieira – Presidente de Honra

Liacélia Pires Leal – Presidente

Dázio Brasileiro Filho – 1º Vice-Presidente

José Angelo Leite Pinto – 2º Vice-Presidente

Nilza Silva Ribeiro – 3º Vice-Presidente

Neide Almeida da Cruz – Secretária Geral

Neuza de Brito Carneiro – Secretária Adjunta

Rita de Cássia Trabuco de Araújo – Diretora Adjunta do Arquivo

Marinalva Costa Albuquerque – Diretora Financeira

José Aderaldo de Miranda Souza – Diretor Financeiro Adjunto

Lélia Vitor Fernandes de Oliveira – Diretora de Publicações

Carlos Alberto de Almeida Mello – Diretor Adjunto de Publicações

Maria José Negrão dos Santos – Diretora de Biblioteca

Maria Lucila Ferreira de Pinho – Diretora de Biblioteca Adjunta

Rosana Mary Pérsico Vieira – Chefe de Cerimonial

Edmeia Pereira dos Santos Gomes – Chefe de Cerimonial Adjunta

Franklin Cerqueira Machado – Orador Oficial

Milton Pereira de Britto – Consultor Jurídico

SUPLENTES DE DIRETORIA

Kamila Vanessa Pérsico Vieira

Evanilda Andrade da Silva

Francisco Otávio Lima Ferreira

Ana Rita Almeida Neves

CONSELHO FISCAL

Antônio Cassimiro Barreto Trindade

Josué da Silva Melo

Maria Luiza da Silva Coelho

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Andréia Machado Castiglione de Araújo

Ana Maria Motta de Souza Nascimento

Lindinalva Matos Torres

QUADRO SOCIAL

SÓCIOS BENEMÉRITOS

Adilson Guimarães
Alessandra de Souza Santos Ribeiro
Almirante Almir Garnier Santos
Antônio Carlos Daltro Coelho
Edmundo Lopes Araújo
Florisberto Ferreira de Cerqueira
Gleide Maria Bastos Silva Figüêredo
João Batista de Cerqueira
José Onofre Gurjão Boavista da Cunha
José Ronaldo de Carvalho
João Marinho Gomes Junior
Tarcízio Suzart Pimenta Junior
Tenente-Coronel Cláudio Eduardo Bouças
Tenente-Coronel Janilson Campos Teixeira

SÓCIOS CORRESPONDENTES

Dário Teixeira Cotrim
Fernando Conceição
Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

SÓCIOS FUNDADORES

Antonio Moreira Ferreira “in memoriam”
Carlos Vianey Oliveira “in memoriam”
Eduardo José de Miranda Kruschewsky
Evanilda Andrade da Silva
Francisco Otávio Lima Ferreira
Franklin Cerqueira Machado
Gil Mário de Oliveira Menezes
Iany Brasileiro “in memoriam”
Irma Rosa de Lima Caribé Amorim “in memoriam”
Milton Pereira de Brito
Nilton Bellas Vieira

Oscar Damião de Almeida “in memoriam”

Paulo César C. da Silva

Raymundo Luiz de Oliveira Lopes

QUADRO ATUAL DE SÓCIOS

Ana Maria Motta de Souza Nascimento

Ana Rita Almeida Neves

André Navarro Silva Guedes

Andréia Machado Castiglione de Araújo

Antônio Cassimiro Barreto Trindade

Carlos Alberto de Almeida Mello

Cíntia Portugal de Almeida

Dázio Brasileiro Filho

Edmeia Pereira dos Santos Gomes

Eduardo José de Miranda Kruschewsky

Evanilda Andrade da Silva

Fábio Santana Nunes

Francisco Otávio Lima Ferreira

Franklin Cerqueira Machado

Geraldo Leite

Gil Mário de Oliveira Menezes

Iracly da Paz Nunes de Jesus

José Aderaldo de Miranda Souza

José Angelo Leite Pinto

Josué da Silva Melo

Kamila Vanessa Pérsico Vieira

Lélia Vitor Fernandes de Oliveira

Liacélia Pires Leal

Lindinalva Matos Torres

Márcia Maria Ferreira de Oliveira Argolo

Maria de Fátima Moraes Casaes

Maria José Negrão dos Santos

Maria Lucila Ferreira de Pinho

Maria Luiza da Silva Coelho

Mariinha Melo Pina

Marinalva Costa Albuquerque

Milton Pereira de Britto
Neide Almeida da Cruz
Neuza de Brito Carneiro
Nilton Bellas Vieira
Nilza Silva Ribeiro
Norma Soares E. Silva
Raymundo Luiz de Oliveira Lopes
Rita de Cássia Trabuco de Araújo
Robson Silva Torres
Rodrigo de Souza Alves
Rosana Mary Pérsico Vieira
Wilma Simões Vieira
Yara Maria Portugal Lima e Cruz

SÓCIOS “*IN MEMORIAM*”

Agnaldo Ferreira Marques
Antônio Alves Barreto
Antonio Moreira Ferreira
Carlos Vianey Oliveira
Célia Lima Ferreira
Iany Brasileiro
Irma Rosa de Lima Caribé Amorim
Joaquim Gouveia da Gama
Jorge Antônio Prudente da Silva Fraga
José Alexandrino Souza
Joselito Falcão de Amorim
Raymundo Antônio Carneiro Pinto
Oscar Damião de Almeida
Valdemar Pereira da Purificação

*A história é absolutamente fundamental para um povo.
Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai.*

Dom Bertrand de Orleans e Bragança

SUMÁRIO

EDITORIAL

ATA DE FUNDAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA

MESSIANISMO NO BRASIL - Neide Almeida da Cruz

VISITA DE DOM PEDRO II E A IMPERATRIZ THEREZA CHRISTINA MARIA A FEIRA DE SANTANA - Dázio Brasileiro Filho

LUCAS DA FEIRA, O FILME - Aderaldo Miranda

HISTÓRIA DO TRANSPORTE COLETIVO - EM FEIRA DE SANTANA - José Angelo Leite Pinto

O 21 DE MARÇO QUE MARCOU - A LUTA PELO DIREITO DE IR E VIR - Railda B. Neves

UMA FLAUTISTA - Francisco Otávio Lima Ferreira

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTÓRICAS DE FEIRA DE SANTANA - Fábio Santana Nunes

“CABOCLÃO” VICTÓRIA - Franklin Machado

O FUTEBOL NAQUELE TEMPO... - Zadir Marques Porto

JORNAIS FEIRENSES NA HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA - Danilo Cerqueira Almeida

RECORDAÇÕES E VOTOS: MEMÓRIAS AFETIVAS, CULTURAIS, LITERÁRIAS, POLÍTICAS E RELIGIOSAS - DO POETA FILINTO BASTOS - Rita de Cássia Trabuco de Araújo

CASARÃO DOS OLHOS D'ÁGUA: UMA FARSA HISTÓRICA - Carlos Alberto Almeida Mello

PROFESSOR DESTACA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA EM SESSÃO PELA COMEMORAÇÃO AO 184º ANIVERSÁRIO DE FEIRA – Prefeitura Municipal

A RESISTÊNCIA CULTURAL NAS RAÍZES NORDESTINAS E NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA - Maria José Negrão dos Santos

**1º BATALHÃO DE ENSINO, INSTRUÇÃO E CAPACITAÇÃO
BATALHÃO HISTÓRICO DA PMBA - Major PM Francisco José
Moreira dos Santos**

MÁQUINAS QUE APRENDEM - Geraldo Leite

NECROLÓGIOS

**JORGE ANTÔNIO DE ARAÚJO CAZUMBÁ - Lélia Vitor Fernandes
de Oliveira**

MÁRIO GOMES MOREIRA - Lélia Vitor Fernandes de Oliveira

**BERNARDINO DE CARVALHO BAHIA – “PIPIU” - Carlos Artur
Rubinos Bahia Neto**

CONSIDERAÇÕES FINAIS - Liacélia Pires Leal

RECOMENDAÇÕES PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA DO IHGFS

EDITORIAL

Tentando cumprir fielmente as editorações da nossa Revista, como fazemos ano a ano, sabendo que, vem ocorrendo algumas dificuldades, porém, com um pouco de atraso, sempre seguindo a numeração das edições. Esta é a de número vinte, do ano de 2023, comemorativa dos seus vinte anos de fundação, uma Revista especial.

Procurando publicar artigos de cunho: históricos, geográficos, culturais e artísticos, biografias de personalidades de destaques da comunidade feirense, do artista, do artesão, empreendedores, jornais e jornalistas e a imprensa de uma maneira geral.

Entender as transformações da mobilidade urbana e do conhecimento científico vigente no mundo atual, a inteligência artificial, com uma nova visão de mundo. Num momento em que o mundo, o Brasil está projetando novos rumos, novas experiências, para o presente e o futuro, abrangendo novos horizontes, comprometidos com a superação das desigualdades sociais da intolerância, do preconceito e das injustiças.

Em uma dimensão maior, abordamos temas relacionados à comunidade feirense, sua história e seu espaço, através dos articulistas com seus textos, que contribuem para o crescimento cultural de nossa terra e seu povo, implicando nos questionamentos, interpelações, informações sobre os episódios que deram origem à sua trajetória emancipatória, política, econômica e social, a fim de compreendermos que Feira de Santana, a PRINCESA DO SERTÃO, é um Município que desempenha um papel importante nos acontecimentos e transformações, do mundo político e social.

A nossa missão maior é que a Revista seja visualizada, lida e apreciada por todos os leitores, que gostam de enriquecer seus conhecimentos, que foram promovidos pela dedicação e empenho da Comissão Editorial, no decorrer dos anos.

Temos que agradecer a todos os colaboradores intelectuais, articulistas que fornecem textos, contos, crônicas, biografias, artigos, membros ou não do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA, sem os quais, não chegaríamos ao número de publicações que circulam na macrorregião do nosso município, instituições de outros estados da federação e também de outros países.

Comissão Editorial

ATA DE FUNDAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA

Aos vinte dias do mês de agosto do ano de dois mil e três, às quinze horas, na sala da Secretaria do Centro de Cultura Amélio Amorim, em Feira de Santana – Bahia, com a presença da Professora Consuelo Pondé de Sena e da senhora Zita Magalhães Alves, respectivamente Presidente e Diretora do Arquivo Histórico do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, reuniu-se um grupo de pessoas residentes em Feira de Santana – Bahia, a seguir nomeadas, interessadas em fundar um núcleo do Instituto Histórico e Geográfico na cidade: Dr. Nilton Bellas Vieira, advogado e escritor; Professor Oscar Damião de Almeida, escritor e pesquisador; Gil Mário de Oliveira Menezes, artista plástico e Diretor do Museu Regional de Artes; Franklin Maxado, poeta, cordelista e Presidente da Academia Feirense de Letras; Célia Barberino Mendes Senna, professora aposentada; Paulo César Cavalcante da Silva, eletricitário e líder comunitário; Padre Carlos Vianey Oliveira, religioso, pároco da Paróquia de São José das Itaporocas; Irma Rosa Amorim, poeta e produtora cultural; Ronaldo Sales de Senna, antropólogo e professor universitário; Antônio Moreira Ferreira, jornalista, poeta e escritor; Francisco Otávio Lima Ferreira, comerciante e pesquisador e Eduardo José de Miranda Kruschewsky, poeta, escritor e secretário da Academia Feirense de Letras. Todos assinaram uma lista de presenças que passa anexa, a fazer parte desta ata, para os fins de direito. Abrindo a funcionalidade de um Instituto Histórico e Geográfico que é uma instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos e que Feira de Santana, uma urbe de grande porte, tem de criar um Instituto para preservar a sua memória. Falou, ainda, do Congresso que iria ocorrer em Salvador, na sede do Instituto, entre os dias quatro e seis de setembro, reunindo os Institutos do Nordeste do Brasil segundo a senhora presidente na divulgação do evento foi informada a presença do que ela chamou de “o mais novo Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana”, tamanha a certeza de que a instalação aqui ocorreria mercê do interesse dos feirenses.

Aparteadada pelo senhor Eduardo Kruschewsky sobre detalhes de funcionamento, esclareceu que a presença dos participantes na sessão do Congresso seria interessante, uma vez que ouvindo os mais diversos palestrantes e conversando com os membros do evento, tudo ficaria bem esclarecedor. Na oportunidade, apresentou um exemplar dos Estatutos do Instituto da Bahia que, segundo ela, poderia servir de base para os futuros do Instituto Feirense e encerrou suas palavras, passando a palavra para quem dela pretendesse fazer uso. Pronunciou-se o doutor Nilton Bellas Vieira que após tecer elogios à figura da senhora Consuelo, um dos expoentes culturais da Bahia, disse do seu velho desejo de uma instituição para preservar a memória feirense que já estava dando seguimento a isto mantendo, inclusive, contato com o prefeito municipal, quando foi informado pela poeta Irma Amorim, do desejo da senhora Consuelo de aqui instalar um Instituto. De imediato, resolveu aderir à pretensão e ali estava para somar forças. A senhora Irma Amorim, na oportunidade, sugeriu um auto apresentação, o que foi feito por todos os presentes e em seguida, sugeriu o nome do doutor Nilton Bellas Vieira como presidente da instituição que estava nascendo. Usando da palavra a senhora Consuelo apontou nomes para uma comissão visando elaborar os estatutos, ficando esta assim constituída. Relator: Eduardo Kruschewsky e membros: Nilton B. Vieira, Padre Carlos Vianey e Oscar Damião. Ficou como coordenador da instalação o doutor Nilton e para depois da elaboração dos estatutos, eleição da diretoria definitiva. Na oportunidade, combinou-se uma reunião para quando os estatutos estivessem devidamente digitados, visando a discussão e possíveis modificações, reunido para a qual deverá ser convidado o prefeito municipal e a presidente do Instituto da Bahia. O poeta Franklin Maxado informou que, nesta fase de instalação, conseguiu a sala vizinha a da Academia Feirense de Letras, no prédio da Fundação Senhor dos Passos, antiga mansão Froes da Motta. Nada mais tendo a tratar, agradecendo a presença de todos, a senhora Consuelo deu por encerrada a reunião da qual foi extraída esta ata que, após lida e aprovada, vai por mim, Eduardo José de Miranda Kruschewsky, secretário ad hoc, assinada e pelos presentes, além de juntada a relação provisória contendo as presenças, para que se produzam os efeitos dela advindos. Feira de

Santana, estado da Bahia, Brasil, aos vinte e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e três.

Seguem-se as assinaturas

MESSIANISMO NO BRASIL

- **Neide Almeida da Cruz**

“**O** Messianismo é a crença na vinda ou retorno de uma pessoa dotada de poderes especiais, que trará paz e prosperidade à terra, inaugurando uma nova era.” O messias pode ser um líder religioso ou político-social com carisma, poderes mágicos e autoridade.

Os primeiros cronistas e missionários assinalaram certa efervescência religiosa em tribos tupis-guaranis, nos primeiros tempos da colonização do Brasil. Profetas indígenas iam de aldeia em aldeia apresentando-se como reencarnação de heróis tribais, incitando os índios a abandonar o trabalho e a dança, pois os “novos tempos” se instalaram na Terra como uma espécie de Idade do Ouro.

Eram movimentos em busca de um paraíso nativo, conforme registraram cronistas e jesuítas e, mais tarde, estudados por especialistas foram designados de messiânicos. O primeiro, que parece datar de 1533, sob a orientação do feiticeiro Viaruzu, envolveu grande quantidade de tupis das costas brasileira, no objetivo de encontrar a terra da “imortalidade e do descanso eterno”. Dez anos depois, chegariam os trezentos restantes, em Chachapoyas, no Peru, onde despertariam muita curiosidade.

Em 1562, numa segunda tentativa de migração, dois feiticeiros pregavam o êxodo a aldeias indígenas, na Bahia, cujos três mil habitantes se dispunham a partir, quando um missionário jesuíta conseguiu impedi-los.

Em 1569, ainda na Bahia, na região do Rio Real, ocorreu outro movimento. Por volta de 1600, Tupinambás migraram em “busca do Paraíso”, rompendo barreiras, conquistando terras e, depois de muita caminhada, instalaram-se na Ilha de Tupinambarana. Esse movimento buscava, ainda “uma terra sem males” e não somente uma simples fuga diante da penetração portuguesa em seus territórios.

O viajante Claude d'Abbeville também observou movimentos semelhantes, entre 1605 e 1609.

REBELIÃO SEBASTIANISTA NA SERRA DO RODEADOR, EM PERNAMBUCO – 1817 a 1820

Por que Rebelião Sebastianista? Baseavam-se em um movimento profético, surgido depois de 1578, quando D. Sebastião, rei de Portugal, desapareceu na Batalha de Alcácer-Quibir, lutando contra os mouros em Marrocos, na África. Como o corpo não foi encontrado surgiu a crença de que ele retornaria para salvar o reino.

Silvestre José dos Santos, ex-soldado do Décimo Batalhão de Milícias foi chamado de Profeta, depois de ter peregrinado por Alagoas e pelo sul de Pernambuco. Instalou-se, em 1817, no Monte Rodeador, formando com seus quatrocentos seguidores, ao qual denominou Cidade do Paraíso Terrestre. Construiu uma capela junto a uma laje, considerada “encantada” e dentro da qual lhe falava uma Santa, que só ele e seu ajudante ouviam. Inspirados por ela, profetizaram que sairia de dentro da pedra, de onde estava uma cruz, o rei D. Sebastião com seu exército. Surgiria e todos poderiam se libertar, e, dos Santos Lugares, seria realizado o “Paraíso da terra inteira”.

Luís do Rego Barreto, então governador de Pernambuco além de pensar que se tratava de conspiração contra o seu governo, temeu que a “Confraria” de Silvestre, mais tarde, pudesse fazer-lhe resistência. Decidiu então, enviar destacamentos, que atacaram o povoado, na noite de 25 de outubro de 1820, massacraram os membros da “irmandade”. Embora Silvestre conseguisse fugir, seu ajudante imediato morreu na luta e os outros foram aprisionados, processados e, mais tarde soltos.

O REINO ENCANTADO DA PEDRA BONITA – 1836

Foi o mais trágico dos movimentos messiânicos, na Comarca de Flores, em 1836, onde o mameluco João Antônio Santos começou a pregar que D. Sebastião, encantado em Pedra Bonita estava prestes a desencantar. Acrescentou ainda, que El Rei lhe havia revelado o local onde estava

enterrado um tesouro. Para isso percorreu toda zona de Flores, Piancó, Cariri, Riachão do Navio e margens do São Francisco.

A seita foi engrossando a quantidade de gente que o seguia, deixando de trabalhar. Inquietados, as autoridades enviaram o Padre Francisco Correia, missionário idoso e de grande prestígio na região, fazendo-o abandonar a zona e fugir para o Ceará. O sebastianismo foi mantido em Pedra Bonita, por seu cunhado João Ferreira.

João Ferreira, que se intitulava Rei do Ajuntamento, pregava usando uma enorme coroa na cabeça. Instituiu a poligamia, bem como ritos religiosos celebrados por um padre escolhido entre os membros do grupo. Em, 1830 José Ferreira disse a seus seguidores que seria necessário realizar sacrifício, para assegurar a concretização de um reino encantado, onde todos os pobres seriam ricos e poderosos. Essa profecia teve grande aceitação.

Seduzidos pelas promessas, diversos membros do grupo se ofereceram para o sacrifício, incluindo filhos pequenos e esposas. Seus pais foram os primeiros a se entregar. Dois dias de sacrifício. No fim do terceiro dia, as duas torres estavam regadas com o sangue de quatorze cães, trinta crianças e onze mulheres.

Na manhã do quarto dia, seria sacrificado o Rei, que foi substituído por seu cunhado Pedro Américo. Pela decomposição dos cadáveres, o ambiente ficou irrespirável. Com o novo Rei à frente, partiram, mas se depararam com forte contingente policial, que vinha em sentido contrário e que contra eles abriu fogo. Os fanáticos gritando: “Viva el Rei D. Sebastião”. Lutaram mais de uma hora, o Rei foi morto.

Houve baixa de ambos os lados, uns fanáticos fugiram, outros, enviados para sede de Flores. As mulheres ganharam liberdade e as crianças órfãs foram adotadas por famílias da região.

OS MUCKERS – Rio Grande do Sul

Na década de 1870, para a região de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul chegaram os muckers, imigrantes alemães. Criaram, pois, uma sociedade inspirada na Bíblia e isolada do resto da sociedade brasileira. No

entanto, revoltando-se por causa do processo de adaptação dos próprios imigrantes, à nova realidade, ocuparam o Morro Ferrabraz na colônia chamada Padre Eterno. No início o grupo era formado de 150 pessoas.

O casal João Jorge e Jacobina Murer tinha cinco filhos. Nesse ambiente destituído de recursos religiosos e médicos, ele se tornou conhecido curandeiro. Segundo Petry Maures, “teria travado relações com um curandeiro chamado Buchorn e dele teria aprendido certas noções de terapêuticas, as virtudes curativas e várias plantas.”

O avô de Jacobina, Libório Mentz também curandeiro, emigrara para o Brasil, em 1824, mas não estava mais entre eles. Jacobina seguia as pegadas do seu avô. Era analfabeta, mas sua paixão pela Bíblia fê-la aprender a soletrar e a ler, porém, não conseguiu alcançar a escrita.

O prestígio do casal crescia dia a dia. As pessoas vinham de longe consultá-los sobre toda espécie de problemas e pedir-lhes conselhos, além de remédios. Não tardou muito e as prédicas se regularizaram, seguindo determinado ritual. A partir de 19 de maio de 1872, dia de Pentecostes, a seita passou a ter uma vida mais organizada. Jacobina, que já vinha anunciando grandes acontecimentos para essa data atrairia ao Ferrabraz, antiga colônia de São Leopoldo, hoje município de Sapiranga, gente de toda parte. Aproveitando o fervor religioso de todos, Jacobina afirmaria ser a reencarnação de Cristo. “Eu sofro e sofrerei, mas também eu terei a minha ressurreição. Quem acredita esta verdade e algumas outras mais, esse terá a vida eterna.”

Os boatos mais desencontrados circulariam, então de Porto Alegre eram enviadas cem praças de infantaria, algumas cavalarias, dois canhões, sob o comando de um coronel. Os Muckers tomaram todas as providências escondendo-se no templo que haviam construído e que servia de refúgio e fortaleza.

Mesmo as forças enviadas sendo numerosas, os Muckers saíram vitoriosos nas primeiras investidas. Mais tarde, uma tropa grande cercou e atacou o templo, culminando com incêndio e morte de todos os que estavam encurralados. A maioria da seita tinha escapado da carnificina, porque não se achava naquele local. Com temor de um ataque fatal,

construíram outro templo na mata, onde ficaram ocultos, esperando melhorar a situação. Jacobina estava ainda comandando a seita.

Finalmente, soldados e colonos conseguiram aproximar-se desse último reduto, exterminando todos que ali estavam, inclusive Jacobina, no dia 2 de agosto de 1874. Os sobreviventes foram condenados a altas penas e, mesmo soltos, não tiveram uma vida tranquila. Cinco anos depois, ressurgem, em Terras dos Bastos e na Colônia, Nova Petrópolis. Entre as mulheres, Aurélia, filha de Jacobina despertou desconfiança dos vizinhos. Começou a notícia que ela estava querendo continuar a obra da mãe. A relação entre Muckers e colonos tornou-se insuportável, culminando com crimes e assassinatos, dessa vez, foram os colonos que atacaram sem dó nem piedade, os Muckers foram liquidados, em 1898.

Por que o nome Mucker? Quando o casal começou as pregações incomodou alguns habitantes do local. Então, Jacobina começou a ser chamada de falsa curandeira. Eram tratados pela Igreja de MUCKER, palavra alemã que significa falso, desonesto, indicando que eram “santos fingidos”. O movimento Mucker marcou suas relações com a Igreja Católica e Protestante.

CANUDOS – ANTÔNIO CONSELHEIRO

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em 13 de março, em Vila de Campos Maior, hoje cidade de Quixeramobim, no Ceará. Seu pai que era dono de um armazém, falecera, em 1855, deixando muitas dívidas, mesmo tentando salvar os negócios do pai, Antônio Vicente não teve êxito. Exerceu várias profissões: professor, caixeiro viajante, escrivão de Juiz de Paz, advogado de pobres, apresentando excelente distinção em português, latim e francês, tanto na escrita quanto na oratória. Além dos dissabores financeiros, ainda sofreria as frustrações de um casamento infeliz.

Em 1871, saiu do Ceará fazendo pregações. Por onde passava e porque era acompanhado por peregrinos, tornou-se uma pessoa carismática. Porque viaja a pé pelos sertões de Pernambuco, rezando, pregando e dando conselhos, abrindo estradas, construindo cacimbas e tanques; reformou igrejas, capelas e cemitérios foi apelidado Antônio Conselheiro o Beato. Em Curralinho, hoje Poço Redondo fez sua primeira

obra a restauração de uma capelinha no alto de um monte, na beira do São Francisco, dedicado a Nossa Senhora da Conceição. Nos poucos dias que passou em Itabaiana construiu o Cemitério Flexas e cavou um tanque que ficou conhecido por Perpétua.

O Beato construiu em Samba, atual Bonfim, uma capelinha e um cemitério. Em seguida construiu o Cemitério de Tanque Novo, em outro povoado de Riachão do Dantas. Depois viajou para a Bahia, para outro lado do Rio Real, no povoado Rainha dos Anjos. Gostou do lugar, mas sentiu que faltava um local para rezar e para sepultar os mortos.

Em 1875, o Conselheiro concluiu as obras em rainha dos Anjos, onde sofreu perseguição pelo Barão de Jeremoabo, chegando a ser preso. Depois de solto, ajudou o vigário Antônio Borges na construção do muro do cemitério, em Itapicuru; construiu uma Igreja na Fazenda Mocambo, atual cidade de Olindina.

Em 1884, deu início à construção da Igreja de Chorrochó, de uma bela obra, em frente à Igreja foi edificado um cruzeiro numa base de cal e pedra.

Quando voltou a Sergipe foi cruelmente tratado pelo Padre João Batista Daltro, de Lagarto, chefe político local, que temia a presença do Beato, receando perder a autoridade do seu rebanho.

Retornando a Itapicuru estabeleceu-se na Fazenda Dendê de Cima. Iniciou a construção de uma Igreja, que seria a mais bonita dos sertões da Bahia, superando a de Chorrochó e mandou cavar um tanque.

Entre 1887 a 1888, o Beato fez os alicerces da Igreja de Biritinga; construiu um cemitério, em Entre Rios. Em Monte Santo, reformou as capelinhas do caminho da Santa Cruz, na Serra do Tiquaraçá; levantou o cemitério de Ribeira do Pau Grande, atual Ribeira do Amparo e o cemitério de Timbó, hoje bairro de Esplanada.

Mesmo com as perseguições, já estabelecido em Canudos, em 1893, o Conselheiro ainda realizou algumas obras, em Sergipe. Em Campos, atual Tobias Barreto fez reparos na Igreja Matriz e iniciou a construção da Capela de Santa Cruz, na rua principal; fez reformas na Igreja de Itabaianinha e levantou um cemitério em Vila Cristina, Crisínápolis.

Da época, pintaram o Beato como fanático, impostor, louco, assassino, perturbador da ordem pública. Escritores preconceituosos, míopes ou mal informados divulgaram a versão das autoridades eclesiásticas e os coronéis, dizendo que Canudos era um foco de fanáticos e tratando o Conselheiro como um louco de face escaveirada, desfiguraram-no física, psíquica e moralmente.

Nonato Marques, 1984 chegou a afirmar que a imprensa noticiava que os seguidores do Conselheiro eram revolucionários monarquistas na verdade, eram pessoas comuns procurando alento, que nada sabiam de reis e imperadores, desconhecendo a existência de D. Pedro II. A guerra de Canudos foi uma agressão aos seguidores do Conselheiro, que só queriam paz e respeito, que lutaram para defender seus lares e suas famílias.

Essa guerra traz um saldo de destruição, uma ferida em aberto no sertão nordestino.

“Bem-aventurado os que sofrem” era o lema do Beato.

GUERRA DO CONTESTADO (1912 – 1916)

Foi um movimento armado que ocorreu no sul do Brasil, entre as fronteiras do Paraná e Santa Catarina, motivado pela insatisfação política e social da população. Envolveu a disputa de terras e o messianismo. Naquela região rica por onde passaria a estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul, atrairia milhares de trabalhadores para tal construção.

Depois de inaugurada a estrada de ferro, os trabalhadores ficaram desempregados e perderam suas terras, que foram doadas à Empresa Brazil Railway Company. Revoltados, os trabalhadores expulsos das suas terras juntaram-se aos messiânicos. Vários beatos e monges surgiram na região, atraindo essa massa de operários com seus discursos messiânicos. Entre eles, estava o Monge João Maria, italiano que chegou ao Brasil ainda no Império, que dizia ter vindo ao país em exercício de seu ministério.

O Monge José Maria morou muito tempo nas matas do Ipanema, de onde saía para peregrinar erguendo cruzeiros e capelas, pregando, curando e organizando procissões. Viveu muito tempo na gruta da Lapa, onde as águas tornaram-se milagrosas. Segundo alguns historiadores, até hoje os

devotos vão encher garrafa para a cura de todos os males. O monge João Maria teria desaparecido misteriosamente. Apareceu outro “monge”, José Maria, que orientou os trabalhadores começando um conflito armado.

Temendo perder seu prestígio na região, o Coronel Francisco Albuquerque, apelou para o governo federal, que enviou tropas para derrubar o grande grupo, mas sem sucesso.

O líder messiânico e seus seguidores mudaram-se para Irai, próximo à fronteira entre Paraná e Santa Catarina, ocupando-a. Com o agravamento da situação o governo federal enviou tropas fortemente armadas, mas não tiveram êxito. Entretanto, o líder José Maria foi assassinado, mas seus seguidores continuaram sua pregação.

Os confrontos entre os seguidores do líder e o governo federal foram violentos. Após algumas expedições fracassadas, o governo federal organizou uma força de sete mil homens, que, finalmente destróçou o reduto rebelde. O fim do conflito também marcou o fim da disputa territorial entre os dois estados.

O conflito teve esse nome, porque aconteceu entre uma região que era contestada por dois estados. Causou dez mil mortes. Contestado assemelhou-se a Canudos, por ter sido uma guerra civil, opondo parte da população às forças militares.

CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO (1926 – 1934)

Por ser devota de Padre Cícero, uma família alagoana se instalou em Juazeiro. José Lourenço, um dos filhos, arrendou terra no sítio Baixa d’Anta, plantou roça e teve um bom resultado. Fez voto de bento, isto é para se dedicar à religião. Acolheu então várias famílias para ajudá-lo na roça, além de órfãos. E a fama de homem caridoso foi aumentando rapidamente.

O patriarca Padre Cícero, sempre elogiando o trabalho do Beato Lourenço, visitava-o constantemente. Encarregou-o, como sinal de amizade de tratamento de um zebu que recebera de presente, e, em breve, espalhou-se a notícia de que o boi era “divino”. O estábulo passou a atrair romarias e os devotos se ajoelham diante dele.

Em 1926, temerosos de que esses fatos e denúncias das reuniões das “cortes celestes” pudessem causar preocupações a Juazeiro, o braço direito do Padinho, Dr. Floro Bartolomeu, baiano, mandou violentamente acabar com as reuniões, matar o boi, prendendo os beatos e seus seguidores.

A prisão foi rápida, devido ao bom conceito que José Lourenço gozava junto ao Padre Cícero que resolveu colocá-lo longe de Juazeiro, num lugar retirado da Serra do Araripe, na Fazenda “Caldeirão”. A entrega desse núcleo a José Lourenço indicou a confiança que o Patriarca tinha no beato. Em volta da casa do beato e da engenhoca por ele erguida, surgiram casas, formando um arraial. O clero começou a atacar e a alertar as autoridades que o novo núcleo religioso constituía perigo.

O Beato tornou-se chefe civil e religioso e seus seguidores venerando-o ajoelhavam-se a seus pés para pedir-lhe a bênção. Tinha dois homens de confiança: Severino Tavares e Isaías e dizia que “a diminuição dos pecados era diretamente proporcional à qualidade de trabalho realizado”.

Em 1935, houve tentativa de dissolver o povoado, por meios pacíficos. Elementos da polícia aconselharam “que cada um voltasse ao seu lugar de origem, levando o que lhe pertencia”. Não foram atendidos. Os oficiais de polícia chegaram à conclusão de que só havia uma saída: “destruir as casas e entregar os bens ao município”.

José Lourenço instalou-se bem longe, na Serra do Araripe, com muitos adeptos, no meio do matagal, onde surgiram muitas cabanas. Mas o “homem de confiança” de José Lourenço, Severino, dizendo ser o Padre Eterno, a primeira pessoa da Trindade e tomou a direção do agrupamento, como chefe supremo. Alertado, o delegado de polícia mandou atacar o novo arraial, por terra e pelo ar. O povoado foi bombardeado e destruído totalmente. O beato José Lourenço tinha ido para Pernambuco, onde comprou numa área quase deserta, instalou, pois, na Fazenda União, acompanhado ainda de vinte ou trinta famílias e pelo fiel Isaías. Morreu, em 1946, aos 74 anos. Seus restos mortais foram transportados para Juazeiro e seu túmulo é o mais suntuoso e custou vinte contos de réis, naquela época.

Quanto a Severino há duas versões sobre seu destino. Ou morreu no combate na mata, ou fugiu para Pau de Colher e, lá chegando, dirigiu nova comunidade religiosa, de 1935 a 1938.

PAU DE COLHER (1934 – 1938)

Quando cursava História na Universidade Católica do Salvador, tive a felicidade de ser aluna, no 3º e 4º ano, do genial Professor Raimundo Duarte, que me deu as primeiras informações sobre o Pau de Colher. Tudo indica que foi ele quem iniciou as primeiras pesquisas do Movimento Messiânico Pau de Colher.

Severino quando pertencia ao Movimento do Caldeirão, em suas andanças, conheceu o lugarejo Pau de Colher. Impressionou José Senhorinho, mestiço que possuía muito prestígio na região, porque sabia ler. Deu-lhe explicações sobre religião. Foi seu mestre. Senhorinho foi ao Caldeirão, por três vezes, em romaria.

Não demorou muito para Severino nomear José Senhorinho “responsável pela condução de todo o povo da região”. Gente de vários lugares procurava-o para ouvi-lo falar sobre religião, sobre os livros sagrados. De repente, José Senhorinho começou a se expressar de maneira estranha, aumentando sua forma física era santo mesmo. Até seus inimigos foram visitá-lo.

Em fins de 1937, chegou a Pau de Colher o Beato Quinzeiro, um remanescente do Caldeirão, que ao narrar a morte de Severino disse que “viera lembrar o Caldeirão”. Aqueles que vinham visitar o Beato, permaneciam ali com seus pertences valiosos e as imagens iam aumentando o oratório do líder. O Beato Quinzeiro, tornou-se o novo líder religioso cabendo a José Senhorinho o posto de subchefe. Cada dia, chegavam mais e mais adeptos. Senhorinho e outros chefes foram mortos, durante um assalto ao bando, antes que os adeptos pudessem revidar. Pau de Colher era o centro para uma ida definitiva para o Caldeirão, onde teriam paz, foi cruelmente atacada pela força pernambucana. E os adeptos lutaram dois dias furiosos contra os atacantes, gritando: “Vem salvação! Vem salvação!”

Foram mortos quatrocentos seguidores, que declaravam convictos: “Nosso sofrimento salvará o nosso Conselheiro e lançará o castigo aos perseguidores”. Pau de colher foi o último cenário de tragédia, onde o maior número de cadáveres encontrado foi de mulheres e crianças. Essa chacina ocorreu, em 1938, quarenta anos depois de Canudos.

O movimento teve esse nome, porque, no início, servia de arma uma imensa colher de pau.

REFERÊNCIAS

CARMO, Judélio. Pau de Colher. Um Pequeno Canudos, Salvador. 2ª edição, 1998.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

FONTES, Oleone Coelho de. Há 90 anos tinha início, em Uauá, a Guerra de Canudos, A Tarde, Salvador, 24 de novembro de 1986.

IRMÃO, José Bezerra Lima. A presença de Antonio Conselheiro em Sergipe. Revista Canudos, 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/canudos/article/view/13525> Acesso em: 13 de agosto de 2023.

LIMA, José Almérico. Pau de Colher. Recife, Edições Edificantes, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O Messianismo no Brasil e no Mundo. Dominus Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

VISITA DE DOM PEDRO II E A IMPERATRIZ THEREZA CHRISTINA MARIA A FEIRA DE SANTANA

• **Dázio Brasileiro Filho**

Era por volta das 15h, do dia 06 de novembro de 1859, o dia estava claro e o sol ardia inclemente. O local do encontro da comitiva imperial com os moradores e autoridades de Feira de Santana foi na localidade chamada Tapera, distante, mais ou menos, 12 quilômetros da sede da vila. Como, àquela época, não existiam meios de comunicação como os de hoje, para dar conhecimento a todos moradores de Feira de Santana da chegada de D. Pedro II e Da. Thereza Christina Maria arquitetou-se o seguinte: quando a comitiva saísse de São Gonçalo seriam tocadas várias girândolas e, de espaço em espaço, até Feira, seria repetido a toca de girândolas, para que chegasse em Feira (levou, mais ou menos, 15 minutos) a notícia com tempo hábil de preparar a recepção às suas Majestades. Uma enorme comitiva estava presente aguardando a chegada de suas Majestades, quatrocentos¹ cavaleiros, todos vestidos de branco com grinaldas de folhas de café no ombro e usando um chapéu que era chamado “do Chile”. Esses cavaleiros eram comandados por Porcino Carneiro da Silva, que recitou uma linda alocução, ao que D. Pedro II respondeu com a sua “benevolência de costume”. À frente destes cavaleiros estavam muitas autoridades, como o Dr. Luiz Pedreira Franco, juiz de direito da comarca, o Dr. Symfronio Olímpio Bacellar, Comandante Superior da Guarda Nacional, o Sr. Tenente-Coronel Pedreira Sampaio, muitos homens de negócios, fazendeiros e outros.

¹Nos jornais da época davam como sendo 400 cavaleiros, mas, no livro Memórias da Viagem de Suas Majestades Imperiais à Província da Bahia, dá como sendo 100 cavaleiros.

A estrada, até Feira, era toda cheia de arcos onde tremulavam a Bandeira Imperial. Suas Majestades desembarcaram no sobrado destinado ao Paço Imperial para um breve descanso, tendo em vista o sol, durante toda a viagem, ter sido muito causticante. Esta casa era de propriedade do Coronel Affonso Pedreira, ele, com sua família, muito fez nos preparativos para tão grandiosa recepção. Essa casa ficava onde, hoje, está a Galeria Mandacaru.

Atividades sociais na Villa

Após descansarem, às 18h, foram ao *Te Deum (a Ti Deus)*, cerimônia religiosa cristã em ação de graças, hábito da época, quando se queria dar boas-vindas. Depois Suas Majestades se dirigiram, sob um pátio (a fila de pessoas atrás do pátio foi muito grande, parecia que “todos os habitantes da vila estavam ali”), para o palanque, onde, em suas escadarias haviam duas alas de meninas, todas de branco e recepcionando Suas Majestades atirando-lhes flores. (Esse palanque estava localizado na, hoje, Praça da República. Por muito tempo essa praça se chamou de Praça do Imperador.) Ali, o presidente da Câmara, Leonardo José Pereira Borges, após breves palavras, passou a D. Pedro II as chaves da Vila. A seguir, as pessoas mais notáveis da vila, fizeram fila para beijar as mãos de Suas Altezas, isso, na mesma praça, mas em outro palanque, ricamente decorado. Esse palanque

“Erguia-se sobre quatro colunas brancas, circuladas por grinaldas, no fundo tinha o dossel, coberto por fazenda branca transparente, com cortinas verdes sobre fundo dourado, tendo duas cadeiras forradas de veludo escarlate sobre três degraus de veludo da mesma cor”.

Tinha ainda uma escada central, por onde as pessoas entravam para o beija-mão e duas escadas laterais por onde saíam, após o ósculo. A população estava em euforia total, durante toda a noite passava em frente à casa onde se encontrava hospedado o Imperador. Famílias inteiras, usando roupas brancas, desfilavam pelas ruas da vila. O Tenente-Coronel Pedreira Sampaio, apresentou seu numeroso batalhão, todo bem fardado com um bonito uniforme vermelho. Esse batalhão entoava uma música especialmente criada, para o desfile, pelo próprio Tenente-Coronel

Pedreira Sampaio. A guarda ao paço (esse paço a que me refiro é a casa onde ficou hospedado o Imperador), no primeiro dia esteve no comando o Capitão Evaristo e no segundo dia o Capitão Cyriaco.

Outra notícia de destaque é que à noite, toda a Vila estava iluminada, não ficando a mais humilde moradia sem que tenha tido uma luzinha na janela.

No dia seguinte, sete de novembro, Sua Majestade percorreu a Vila, visitando a Câmara, escolas de ambos os sexos, a cadeia, a capela do Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora dos Remédios. Visitou uma casa onde morava um doido chamado Manoel Madeira, que vive há 25 anos num buraco, cavado pelo próprio com as unhas. À mãe de Madeira, Sua Majestade, doou \$50 réis, para custear a ida do doido para o hospício D. Pedro II, no Rio de Janeiro e removeu, com sua habitual benevolência, todos os obstáculos que lhe foram apresentados. O referido alienado veio a falecer em 24|08|1860, sem ter chegado a ir para o Rio. Às 11h, saiu a Imperatriz de “carro”, com grande acompanhamento de cavaleiros, passando pela feira entre muitos vivas e aplausos e muitos foguetes, tudo feito pela população espontaneamente. Ao passar por uma boiada manteve o seguinte diálogo:

“- De quem é essa boiada?

- É minha, Imperial Senhor, e está às ordens de Sua Majestade.

- Por quanto vende cada cabeça?

- O menor preço que posso dar é 50\$, meu Senhor, mas se Vossa Majestade quer está toda às suas ordens.

- Está bonita, bem tratada, veio de muito longe?

- Algum, Senhor, aí há gado de muitas soltas, algumas bem distantes. Custa tanto ganhar a vida, Senhor!

- As estradas são boas? - Umas são boas, Imperial Senhor, mas outras são muito ruins. O governo de Vossa Majestade não quer melhorar os caminhos? É muito preciso, Senhor.

- É verdade, mas não há dinheiro; os cofres estão pobres.

- Ah! Senhor! Respondeu o Tropeiro, é porque Vossa Majestade mora muito longe.”

Dirigiu-lhe, D. Pedro II, mais algumas perguntas, demonstrando gostar das singelas palavras que aquele homem do campo dizia. Retirou-se depois de satisfazer sua curiosidade. Esse vaqueiro chamava-se José Antônio do Cavalo Morto.

O Imperial Asylo de Enfermos D. Pedro II

No dia 7 de novembro, à tarde, sua Majestade admitiu à sua presença uma comissão composta dos senhores:

Dr. Luiz Antônio Pereira Franco

Comandante Superior da Guarda Nacional – Dr. Symfronio Olímpio Bacellar

Tenente-Coronel – Manoel Joaquim Pedreira Sampaio

Presidente da Câmara – Leonardo Borges

Coronel – Joaquim Pedreira de Cerqueira

Juiz Municipal – Dr. João Ladislão Japi-Assú de Figueiredo e Araújo

Promotor – Dr. Antero Cícero de Assis

Padre – José de Cupertino e Araújo

Cidadão – Victorino José Fernandes Gouvêa

“Essa comissão suplicou à Sua Majestade a graça de tomar sob sua imperial proteção um asylo de enfermos que se pretende crear naquela villa, dignando-se Sua Majestade permitir que fosse dado a esse estabelecimento o nome de D. Pedro II.”

D. Pedro II aquiesceu ao pedido.

Vale lembrar que, há alguns anos, o juiz de direito A. L. Afonso de Carvalho já havia feito um projeto para edificação desse hospital. Nessa ocasião conseguiu assinaturas que firmavam o compromisso de doarem, por ocasião da construção, a importância de 10\$000 (dez mil réis). Contatados os doadores todos confirmaram estar dispostos e fazerem as respectivas doações. Aproveitando da oportunidade o Dr. Luiz Antônio

Pereira Franco, juiz de direito local, tomou as assinaturas de outras pessoas que haviam chegado à Villa após as primeiras assinaturas e conseguindo reunir cerca de 10\$000 (dez mil réis). Segundo a imprensa da época, este foi um dos mais belos gestos da visita de Suas Majestades ao Norte e Nordeste do Império.

Quando de sua visita à Villa teve oportunidade de escolher um local para construção desse asilo, desde quando, o Dr. F. Bonifácio de Abreu, médico que acompanhava D. Pedro II, aprovasse o local, o que foi realizado imediatamente.

Doações de D. Pedro II

Durante sua breve estada aqui na Vila, além da ajuda que tinha dado à mãe de Madeira, D. Pedro II doou 2.000\$(dois contos) para a construção do Imperial Asylo de Enfermos D. Pedro II (hoje, Santa Casa de Misericórdia), 500\$ (quinhentos réis) com o Padre José de Cupertino e Araújo para os pobres e gastou mais 350\$ (trezentos e cinquenta réis) em esmolas diversas.

O adeus de D. Pedro II à Vila da Feira

Por volta das 15h30min, do dia 7 de novembro, Suas Majestades partiram para São Gonçalo, seguidas por 200 cavaleiros e pessoas outras que seguiram a comitiva. Sua Majestade, D. Pedro II, viajava a cavalo e vestia uma casaca preta, calça de brim, botas de montaria e um chapéu de palha coberto por um pano, isso para amenizar o forte sol. A Imperatriz, Thereza Christina Maria, viajava com um vestido preto, num “carro” puxado por sete animais, fazendo muda dos animais em locais já previamente acertados. Aos lados do carro iam o Almirante Lisboa e o Conselheiro Pedreira e atrás um piquete de cavalaria em linha. Tanto o Imperador quanto a Imperatriz foram seguidos por grande número de cavaleiros disputando a honra de acompanhar suas Majestades.

LUCAS DA FEIRA, O FILME

- **Aderaldo Miranda**

Uma boa construção cinematográfica começa com a validação da premissa, qual a motivação inicial do trabalho, pode ser uma incomodação, pergunta, problema ou qualquer fagulha para um determinado objeto. Ela serve de guia para que o autor nunca perca o fio da meada sobre o que ele está falando.

Faz-se necessário mergulhar na história para contar o que realmente aconteceu e focar nos problemas e objetivos dos protagonistas, bem como especificidades e obstáculos enfrentados.

Em seguida junta-se os fatos que fazem uma determinada situação ir de um ponto a outro da história. É no enredo que uma série de ações e eventos da história se conectam, isto é, o porquê as coisas acontecem, esta sequência bem concatenada nos leva a interessantes tramas. É aqui no enredo que a gente constrói a narrativa, com situações vividas pelos personagens durante o desenrolar da história.

Em nossa introdução apresentamos os personagens, tempo e espaço; depois o conflito, o que aconteceu para dar origem a história. É esse acontecimento que dará início às ações dos personagens e daí se desenvolve tudo o que acontece na tentativa de se solucionar o conflito. Chegamos ao clímax, quando há um alto ponto de tensão e emoção, em seguida o desfecho, acontece a solução do problema e a resposta desta solução.

A narrativa é a cereja do bolo, é a forma de falar o que acontece com o porquê acontece. Ou seja, é a forma romantizada de comunicar sua obra. É aqui na narrativa que acrescentamos elementos importantes da visão do autor, nosso ponto de vista, o porquê algo acontece em determinado lugar e demais informações relevantes para o leitor.

Da premissa até a narrativa a gente percorre praticamente todos os elementos fundamentais da estruturação de um “best seller”. Cabe salientar que um “best seller”, grandes e famosas obras: romances, novelas, livros e filmes seguem a mesma estrutura.

A missão de criar o filme Lucas da Feira, é uma tarefa complexa, que envolve juntar diversos elementos artísticos e técnicos para trabalhar em conjunto para contar uma história cativante e impactante ao telespectador. O filme ganhou um roteiro sólido, bem escrito e estruturado. É envolvente e trabalhado com personagens interessantes e profissionais motivados para dar relevância a trama.

Como diretor fiquei com a responsabilidade de dar vida ao roteiro e garantir que a visão artística seja bem executada. Todo empenho para dirigir de maneira cuidadosa e transformar essa bela história em uma experiência cinematográfica memorável. A seleção de autores experimentados é essencial para transmitir emoção e autenticidade aos personagens. Um seleto elenco, talentoso e bem dirigido realmente eleva a qualidade do filme.

A cinematografia e a direção de arte contribuem para a estética visual do filme. A escolha das cores, composições de cena e cenários influenciam diretamente a atmosfera e a imersão do público. Uma trilha sonora bem selecionada e composta especificamente para o filme vai enfatizar emoções, criar tensão e contribuir para a narrativa. A edição é crucial para criar um ritmo adequado ao filme, garantir que as cenas fluam de forma coesa e manter o interesse do telespectador.

Nosso filme aborda um tema relevante e universal, por isso tem maior probabilidade de se conectar com o público. Questões sociais, emocionais ou filosóficas tornam o filme mais impactante e memorável. Lucas da Feira apresenta originalidade, abordagens inovadoras e um estilo único, reside aí as chances de se destacar e criar um impacto duradouro.

Lucas da Feira oferece tanto entretenimento quanto reflexão. A capacidade de equilibrar esses elementos pode atrair uma ampla variedade de públicos. A narrativa, o estilo, a atmosfera e os elementos técnicos serão consistentes ao longo do filme para criar uma experiência coesa.

Na sinopse do filme, consta o seguinte: “Durante o auge da escravidão no Brasil colonial, Lucas da Feira (1807-1849) filho de negros escravizados, é instruído por padre e não aceita a escravidão, enfrenta o preconceito e a discriminação racial da sociedade. Com determinação e inteligência promove uma ruptura do modelo escravagista da época. Consciente das injustiças ao seu redor, decide lutar contra o sistema opressivo. Lucas foge e se transforma numa lenda, para a maioria, um bandido cruel e sanguinário, para muitos, um herói do povo negro que lutou até a morte por liberdade.”

Ao longo da narrativa, Lucas enfrenta uma série de desafios e adversidades, incluindo a luta contra a escravidão e a busca por sua própria identidade em uma sociedade que o rejeita por sua cor de pele.

O filme aborda temas como preconceito racial, desigualdade social e luta pela liberdade, oferecendo uma reflexão profunda sobre as injustiças enfrentadas pelos negros no Brasil colonial.

"Lucas da Feira" é uma importante obra do cinema brasileiro que apresenta uma visão crítica e provocativa sobre a escravidão e as questões sociais do país. Lucas da Feira é um drama histórico do cineasta Aderaldo Miranda.

- Aderaldo Miranda
escritor, cineasta

HISTÓRIA DO TRANSPORTE COLETIVO EM FEIRA DE SANTANA

• José Angelo Leite Pinto

Em 1951, era Prefeito de Feira de Santana o Prof. Almáchio Alves Boaventura, em quem o povo havia depositado grandes esperanças na eleição do ano anterior. Nesta mesma época, quatro nordestinos vindos do Rio Grande do Norte, trazendo consigo três "marinetes", aportaram em nosso município, no desejo de conseguirem permissão da prefeitura municipal, para colocarem as mesmas para prestarem o serviço de transporte coletivo na cidade.

Dirigiram-se à prefeitura e pediram uma audiência ao Prefeito. Após demorada conversa com o Prefeito Prof. Almáchio Alves Boaventura, o mesmo autorizou que eles realizassem suas intenções, contanto que prestassem um bom serviço à comunidade. Isto ocorreu no dia 21 de junho de 1951 e no dia seguinte, já trafegavam pelos bairros Sobradinho até a Pampalona, Ponto Central via Rua Quintino Bocaiúva (antiga Rua do Fogo), Brasília via Rua Senador Quintino, Rua Pedro Suzarte e Cristóvão Barreto (antigo Pilão). Passados alguns meses, os referidos senhores que se chamavam Otávio, Buriti, Manoel e Pedro voltaram ao Prefeito para comunicar-lhe a desistência, pois não conseguiam passageiros suficientes, para, pelo menos, cobrirem as despesas, e os prejuízos já eram grandes. O prefeito Almáchio, após refletir com eles, propôs o seguinte: A prefeitura patrocinaria o combustível pelo prazo de um ano, enquanto eles conseguissem se manter nas linhas. Eles concordaram e assim foi feito.

Após dois anos prestando este serviço, os mesmos venderam as velhas "marinetes" ao casal Antoninho e Dona Zizi Mascarenhas sua esposa. Algum tempo depois, como este casal não tinham concessão da prefeitura e não recolhiam impostos regularmente, foram obrigados a vendê-las, pois o prejuízo acumulado também já não viabilizava o negócio.

Assim, a cidade voltava a não possuir mais o serviço de transporte coletivo, e se percebia claramente a grande dificuldade que os estudantes, comerciários, donas de casa, operários e o povo em geral encontravam para locomover-se para os lares, escolas, comércio, etc.

Desta vez, em 1962, José Ferreira Pinto (Zé Pinto), que já sonhava colocar um serviço de transporte coletivo decente em Feira de Santana e percebendo aquele momento de grande carência, reuniu-se com seu irmão Júlio Ferreira Pinto, seu primo Romeu de Alcântara Pinto e o conselheiro da família, seu tio Petronilo Ferreira Pinto, mais conhecido como Sinhô Pinto para amadurecerem a ideia sobre a implantação deste serviço. Grandes foram as dificuldades, críticas destrutivas e falta de incentivo não faltavam, porém, o amor e a determinação a esta causa era muito maior.

Para tanto, foram ao então Prefeito Arnold Ferreira da Silva, com um ofício, no qual solicitavam a concessão para explorar o serviço de transporte coletivo em Feira de Santana através de veículos Kombi. O prefeito Arnold Silva os recebeu com muita gentileza em seu gabinete e como conhecia toda a família Pinto, bem como acreditou na importância do projeto, não hesitou em enviar à Câmara de Vereadores o Projeto de Lei, a fim de que, após apreciada pelos Edis, ele pudesse dar seu parecer.

Dias depois, chegava à Câmara o referido projeto, o qual, recebeu de pronto parecer favorável da comissão, que teve como Relator o Vereador Hugo Navarro da Silva, sendo aprovado por unanimidade, tendo recebido elogios de todos os Vereadores presentes, por se tratar da primeira empresa do gênero no Nordeste.

Sancionada a Lei pelo Prefeito Arnold Silva e publicada nos jornais, aí foi que, realmente os idealistas tiveram condições de iniciar a compra dos 13 (treze) primeiros veículos Kombi, na antiga concessionária Volkswagen denominada Feira Motor Ltda., de propriedade dos senhores Willie Azevedo, Raimundo Esquivel e Luiz Azevedo Filho, os quais confiados na palavra dos compradores financiaram metade do valor das mesmas. A empresa já estava registrada sob a denominação "Expresso Alvorada" e alguns meses depois foram adquiridos mais 15 (quinze)

veículos Kombi de cinco portas, totalizando uma frota de 28 (vinte e oito) veículos.

No dia 19 de outubro de 1962, às 10 horas, realizou-se a inauguração com Missa Solene na Catedral Matriz, celebrada pelo primeiro bispo de Feira de Santana, Dom Jackson Berenguer Prado, Monsenhor Aderbal Saback de Miranda e Monsenhor Mário Bahiense Pessoa da Silva, Capelão do Asilo Nossa Senhora de Lourdes, todos de saudosa memória.

Após a Missa Solene, realizou-se a bênção dos veículos, motoristas, cobradores e proprietários; todos fardados e com gravatas, tendo ao final da mesma, saído em passeata pelas ruas da cidade, aplaudidos pela comunidade e seguidos pelo carro da Rádio Sociedade de Feira de Santana, o qual, através de Amadeu Pitanga de Jesus ao volante e Francisco Almeida o popular Chico Caipira, locutor, anunciavam entusiasticamente aquele acontecimento.

Nada havia sido feito antes que se comparasse ao que Feira de Santana assistia naquele momento, vindo de uma família da terra, humilde e que, com uma visão de futuro concretizava o sonho de contribuir efetivamente para o progresso de Feira de Santana.

Na Rua Desembargador Filinto Bastos (antiga Rua da Aurora), em frente à Praça 2 de Julho, estava a sede da Rádio Sociedade de Feira de Santana, onde seu Diretor Presidente Frei Hermenegildo de Castorano e o Diretor Comercial Prof. José Manuel de Araújo Freitas, convidaram todos os participantes a tomarem assento no auditório e José Araújo Freitas prestou linda homenagem falando em nome da rádio: "Feira ganha no dia de hoje, algo muito importante e só o amor destes feirenses da família Pinto, poderia nos oferecer tamanho presente".

Em nome da empresa, o seu Diretor Presidente José Ferreira Pinto agradeceu as homenagens afirmando: "Estamos plantando uma grande semente, esperamos que as bênçãos de Deus multipliquem nossa ação e que os frutos que vierem sejam benéficos para o povo, o município de Feira de Santana e toda a Bahia".

Após o desfile, a Volkswagen do Brasil ofereceu através da Feira Motor Ltda. um coquetel às autoridades, imprensa falada e escrita, funcionários e tantos quantos se fizeram presentes.

Com o passar do tempo foram surgindo outras empresas, dentre elas o Expresso São Cristóvão também em veículos Kombi.

Posteriormente, José Ferreira Pinto e sócios, compraram no Rio de Janeiro 21 (vinte e um) micro-ônibus, as famosas "bicudinhas" e 01 (um) ônibus grande seminovo, os quais estavam saindo de linha do Estado da Guanabara, pois o Governador Carlos Lacerda estava substituindo-os por uma frota zero quilômetro. E como se tratavam de veículos em bom estado de conservação, compramos e trouxemos para Feira de Santana, para servirmos à população. Aí foi outra festa na cidade! Após registrados, receberam o batismo com o nome de "TRANSLAR" Transportes para o Lar Ltda. E em 1965, foram colocados nos roteiros mais necessitados da cidade.

Posteriormente, outro irmão Joviniano Ferreira Pinto Neto, mais conhecido por "Venú Pinto", entrou na sociedade e adquiriu 15 (quinze) ônibus, colocando-os nas linhas de Campo Limpo, região da atual Cidade Nova e Mangabeira.

Com este advento, outras pessoas passaram também a colocar Kombis, Ônibus e Marinetes, criando um clima de mal-estar e uma competição desleal, visto que, para a época, a oferta estava bem maior que o número de usuários, inviabilizando pouco a pouco o negócio. Assim, os sócios resolveram vender todo o patrimônio da empresa. Sendo que, parte dela foi vendida para a Sra. Ivone Falcão Vieira, a qual mudou o nome de Translar para Transul e os Senhores Nezinho Oliveira e Carlos Lacerda o segundo prefeito na época do município de São Gonçalo dos Campos, os quais denominaram sua empresa de Oliveira Lacerda, com sede no bairro do Tomba.

Com o passar do tempo, Zeca Marques criou a empresa Autounida. Oswaldo Santos de Jesus, o popular "Vavá de Manoel de Emília" criou a empresa Safira. Dona Valdelice adquiriu ônibus e abriu sua empresa no bairro da Queimadinha denominada Autocel. O Sr. Raimundo Souza Silva,

ex-prefeito de Milagres, implantou também em Feira de Santana a empresa R. S. Silva. O Sr. José de Paula Maciel Filho e Sérgio Augusto de Almeida, ambos de Minas Gerais, adquiriram a empresa Transul e foram adquirindo as outras posteriormente, tendo vendido ao Srs. Gilson Almeida Rodrigues e Dílson Almeida Rodrigues.

Após 52 anos de fundação do transporte coletivo em Feira de Santana, a cidade e toda a região cresce diuturnamente, demonstrando que esta semente de ideais plantadas naquela época, continuam crescendo e dando bons frutos.

Nossa cidade avançou muito! Em 2005, o Prefeito José Ronaldo de Carvalho inaugurou o novo Sistema Integrado de Transporte Coletivo de Feira de Santana. Orgulhosos e felizes por termos sido os "pioneiros", ainda hoje continuamos a almejar uma cidade mais humana e moderna, principalmente no que diz respeito à acessibilidade das pessoas. Para isto precisamos acreditar, ousar, passar pelos obstáculos para concretizarmos todos os sonhos que sirvam para construir um futuro melhor para todos. Temos acompanhado novos projetos neste setor, a exemplo do BRT para Feira de Santana, pois como a cidade cresceu muito, o sistema atual não consegue atender com eficiência a população, seja no conforto ou na qualidade.

Não sei se verei todas estas mudanças, mas só temos que agradecer a Deus e parabenizar nossa querida terra, na pessoa de todos aqueles que tiveram e têm uma visão de futuro, pensando sempre em proporcionar dias melhores para todos aqueles que aqui nasceram e os que, aqui chegando adotaram Feira de Santana, como sua terra natal.



Bênção da frota de Kombis do Expresso Alvorada, pelo 1º Bispo da Diocese de Feira de Santana Dom Jackson Berenguer Prado acompanhado do Pe. Aderbal Saback de Miranda, pároco da Igreja Matriz de Sant'Ana, junto a José Ferreira Pinto, Petronilo Ferreira Pinto (Senhor Pinto) e Romeu Pinto.



Desfile das Kombis pela Av. Presidente Dutra, onde percorreu as principais ruas da cidade para apresentação à população feirense.



Coquetel oferecido pela Volkswagen do Brasil na concessionária VW Feira Motor, quando da entrega dos veículos a José Ferreira Pinto, ladeado pelos futuros motoristas e cobradores.

O 21 DE MARÇO QUE MARCOU A LUTA PELO DIREITO DE IR E VIR

• **Railda B. Neves**

21 de março é o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial. A data surge com esse propósito porque em 21 de março de 1960, em Johannesburgo, África do Sul, aproximadamente 20 mil negros protestavam pacificamente contra a Lei do Passe, uma norma que os (as) obrigava a portar cartões de identificação, especificando os locais por onde poderiam transitar na cidade. Apesar da manifestação pacífica, as tropas do exército abriram fogo contra a multidão deixando um saldo de muitos mortos e feridos.

Em 1966, em memória dos mortos e feridos no Massacre de Shaperville, em Johannesburgo, a Organização das Nações Unidas – ONU, instituiu o dia 21 de março como Dia internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

Sobre a discriminação racial, a Declaração das Nações Unidas (1963) diz o seguinte:

Artigo I: “Discriminação Racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com a finalidade ou o efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento e exercício, em bases de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública”.

Conforme a declaração acima, não se pode aceitar nada que possa ferir direitos humanos fundamentais a exemplo do tratamento igual para todos, independente de suas diferenças. Assim sendo, a escola não pode ficar indiferente a essa luta. A retomada das aulas, o início de um novo ano letivo requer de todos a sensibilidade e o cuidado com a vida em sua plenitude. E isso significa também não aceitar nenhuma forma de acepção

ou de situação que destitui a humanidade dos sujeitos presentes em seu território. Sobre essa não aceitação, afirma a professora Nilma L. Gomes:

[...] Consideraremos, também, que racismo e desigualdade socioeconômica caminham lado a lado. Por isso, a escola brasileira tem que se haver com o processo histórico do racismo, com as práticas de discriminação racial, com o preconceito, com a constituição e propagação do mito da democracia racial e com a inculcação da ideologia do branqueamento (Gomes, p. 43. 2002)

Considerar a importância da escola na luta contra a discriminação racial e todas as outras formas de intolerâncias correlatas, é empreender esforços para que as injustiças sejam reconhecidas, discutidas e desconstruídas. Assim, pensar no massacre de Sharpeville como uma oportunidade de comprometer-se com a valorização da vida em sua inteireza independente dos corpos que a configure, é transformar a luta e a dor dos sujeitos subalternizados em instrumento didático em favor da vida.

A utilização didática, o olhar pedagógico sobre o “21 de março”, tornará possível o nunca mais. Entender a escola como um lugar da vida é potencializar a possibilidade de pensá-la em sua plenitude, para que o massacre de Sharpeville não ocorra no interior da escola, todos os dias, através das práticas que silenciam e excluem ou desconhecem a diversidade nela presente.

Ainda conforme Nilma L. Gomes,

A escola é vista, aqui, como um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. (Gomes, p. 39, 2002)

Considerando o acima exposto e crendo na importância da construção das condições de inclusão, a partir do chão da escola, é urgente desconstruir todas as práticas e crenças que contribuem para a destituição da humanidade dos sujeitos. Se o preconceito é aprendido também na

escola, a escola precisa trabalhar para ajudar a desconstruí-lo. Daí a importância de não deixar passar despercebido o dia de luta pela eliminação da discriminação racial.

A escola não pode esquecer que o currículo deve ser o lugar privilegiado para ajudar a destituir as mazelas do colonialismo cujas ingerências são sentidas especialmente pelos corpos negros, indígenas e pelas chamadas classe baixa. Esses sujeitos vivem dores silenciadas e invisibilizadas historicamente. Parafraseando Fanon. “O humano é entendido de forma diferenciada conforme a raça a que pertença”. Logo, recuperar e/ou fortalecer a condição de humanidade dos sujeitos é fundamental, ajuda a diminuir as dores históricas.

Conforme registra a letra da canção “A Massa”: “A dor da gente é a dor de menino acanhado / Menino-bezerro pisado, no curral do mundo a penar / Que salta aos olhos, igual a um gemido calado /A sombra do mal-assombrado é a dor de nem poder chorar” (Sodré e Portugal, 1980). “A dor de não poder chorar” é a dor da violência experimentada pela subjetividade ferida. A escola precisa ser lugar de reconhecimento e valorização da ancestralidade, do contrário a subjetividade dos corpos negros será sempre vilipendiada à medida que ele não se percebe livre para falar de si, que não ouve falar de si. A subjetividade é ferida produz o “gemido calado” quando o epistemicídio não oportuniza o reconhecimento e o respeito às diferenças e à cultura do outro.

A luta contra os novos massacres, contra o epistemicídio, no chão da escola, precisa dialogar com a vida que pulsa além de seus muros. Precisamos reconhecer o corpo negro na escola como corpos agentes, como afirma Assante. Corpos agentes capazes de produzir de ser e estar no mundo sem perder as referências de sua matriz cultural.

O reconhecimento dos corpos agentes é o reconhecimento do direito de movimentar-se sem, contudo, precisar negar a sua identidade ou sua origem étnica. Reconhecer o protagonismo dos corpos negros, indígenas, quilombolas, ciganos na escola é a efetivação da luta contra a colonialidade.

Só se pode lutar contra a colonialidade, que ainda tenta limitar, e muitas vezes consegue impedir o livre trânsito do povo negro em diferentes espaços, através da reinvenção da “lei do passe”, que no passado levou ao massacre de Sharpeville, quando os condenados da terra, aqueles que são vítimas de diferentes processos de exclusão e apagamentos, tiverem condição de compreender a realidade e provocar mudanças necessárias.

Continuando com a expressão de Fanon (1961), os “condenados da terra” só serão capazes de promover a mudança quando lhe for possibilitado fazer a leitura do mundo sem acepções históricas, sem privilégios de um saber sobre o outro. Assim procedendo essa leitura de mundo, fará com que a leitura da palavra se realize plena de sentido e significado, como talvez diria Freire (1982).

Quando os condenados da terra perceberem que a realidade colonialista que violentou e subalternizou os corpos negros e indígena não pode e não deve ser esquecida e que precisa ser refletida considerando as marcas deixadas ainda em nossos dias, a leitura da palavra na escola contribuirá com a mudança da realidade que ainda exclui e expropria da condição de direito o povo negro.

Essa planificação de sentidos e significados possibilitará a realização da pedagogia do nunca mais e, portanto, da valorização da liberdade, da vida fraternidade que deve fortalecer a todos independente da raça, classe e gênero. Essa pedagogia fará com que todos aprendam com as histórias de quem nunca aceitou o tratamento que os definia como menos humanos.

Os corpos agentes de resistência tiveram e terão lugar na história desde sempre, ainda que os protagonismos sejam velados pelo racismo estrutural que define o que é bom e ruim, o que serve e o que não serve, quem é e quem não é reconhecido em sua humanidade.

Em todo o tempo, e em especial no dia 21 de março, acreditamos que a educação torna possível recuperar memórias que o sistema opressor tentou esvaziar. Essa memória pode gerar novos protagonismos porque ela traz referências que estimulam a saída do lugar comum. Desse modo, a escola ajuda a alterar o tecido social, de forma positiva, em seu cotidiano,

promovendo a equidade que reconhece a pluralidade presente na extensão territorial brasileira

A partir do acima exposto, pode-se considerar que, a educação é deveras imprescindível para que ocorra mudanças dentro da sociedade. Essa imprescindibilidade reconhece a importância dialógica das lutas que devem ser empreendidas para as mudanças necessárias, para que “as leis do passe” não continuem acontecendo. É a educação que vai tornar possível o fim de vilipêndios como os ocorridos nos últimos dias no Brasil. Poderia citar vários exemplos. Mas merece destaque especial o ocorrido no Rio de Janeiro e em Salvador, duas cidades que estão entre as mais negras fora do território africano.

No dia 08 de fevereiro de 2022, esculturas de escravizados foram postos à venda no aeroporto em Salvador, a reprodução da dor e da violência cometida contra um povo em prol da produção do lucro de alguns poucos, não parece nada sensível. Além disso, a memória daqueles tempos continua servindo ao desejo de lucro material. Outros dois episódios de violência podem ser relacionados para referendar a importância da educação na construção de uma sociedade mais justa. Trata-se do ocorrido em um quiosque no Rio de Janeiro, no dia 09 de fevereiro de 2022, quando um jovem congolês foi morto a pauladas. Nesse mesmo contexto de violência, podemos citar o ocorrido no dia 15 de fevereiro de 2022, no shopping Barra, em Salvador, onde a escultura de um rapaz negro simula o assalto a uma loja, corroborando com a ideia de que todo negro é ladrão e, na sequência, feio e burro.

Curiosamente todos os episódios mencionados acima ocorreram em cidades cujos números de habitantes negros/as as colocam entre as cidades mais negras fora da África. É impossível não recuperar o pensamento de Mandela em relação à educação de que esta é a arma mais poderosa na luta contra a opressão. Especialmente essa opressão que incide diretamente sobre os corpos negros. Só a educação é capaz de mudar a história de preconceito, discriminação e racismo. Que todos os dias sejam dias de luta pela eliminação da discriminação racial e das intolerâncias correlatas na escola e fora dela.



<https://encr.pw/19WeQ>



<tps://11nk.dev/31b8g>



<https://encr.pw/u3TKI>

- Railda B. Neves – graduada em História pela UEFS, Especialista em Direito e Cidadania, Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Mestra em História da África da Diáspora e dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS:

ONU - Organização das Nações Unidas. Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, Nova Iorque, 1966.

ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial. Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua resolução 1904 (XVIII), de 20 de novembro de 1963.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, v. 9, p. 43, 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>.

Acesso em: 6 abr. 2024.

NOVO, Benigno. Direito penal. Discriminação racial, [s. l.], 2020. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/discriminacao-racial/734303979>.

Acesso em: 8 mar. 2024.

SODRÉ, Raimundo; PORTUGAL, Jorge. A MASSA. Compositor: RAIMUNDO SODRÉ E JORGE PORTUGAL, 2022. Disponível em:

<https://www.lettras.mus.br/raimundo-sodre/346215/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

21 de março: Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial: Em momento de pandemia, atenção especial à saúde da população negra. 21 de março, APP Sindicato, 20 mar. 2022. Disponível em:

<https://appsindicato.org.br/21-de-marco-dia-internacional-de-luta-pela-eliminacao-da-discriminacao-racial/>. Acesso em: 8 mar. 2024.

UMA FLAUTISTA

- **Francisco Otávio Lima Ferreira**

O ano era 1967, final do inverno, mais precisamente dia Sete de Setembro, data das comemorações da Independência do Brasil. Naquele ano, a data se revestia de uma grandeza maior: minha irmã, Célia Maria, iria desfilar tocando flauta, na banda do Colégio Santanópolis. Não era pouca coisa! Desfilar executando um instrumento custava caro, além disso, o Colégio Santanópolis possuía a única banda marcial do interior baiano. Na ausência de nossos pais, morando temporariamente fora do município, restaram eu e meus avós, Júlia e Otávio, para prestigiarmos o evento.

Minha irmã foi tirada da cama antes das seis. Vestiu uma camiseta branca, sobreposta por jaleco azul enfeitado com dragonas e botões dourados. Uma saia branca plissada, impecavelmente engomada; botinhas bicolores em azul e branco arrematavam o fardamento daquela adolescente de pele morena e cabelos negros, que repousavam muito abaixo dos ombros.

Às sete, Célia Maria saiu apressada. Morávamos no final da Avenida Sr. dos Passos, já no cruzamento com a Rua Santos Dumont, e até o local de encontro dos componentes da banda seria uma longa caminhada. Nós outros saímos logo após. Íamos assistir a mais importante parada de 7 de setembro de nossas vidas.

Minha avó, caminhava à frente, segurando em minhas mãos. Cabelos muito alvos, presos em passadeira, trajava um vestido, com motivos florais, mandado costurar para a ocasião. Meu avô, naquele dia como na vida, acompanhava minha avó, um passo atrás, de braços dado com seu inseparável guarda-chuva. Quase sem cabelos, cabeça reluzente, trajava terno escuro e gravata preta. Aos nove anos, enfiado em calças curtas azul-marinho, camisa amarelo-canário, na mão uma bandeirola do Brasil colada em uma vareta, eu era a própria homenagem à data.

Saindo de casa, passamos pela Praça D. Pedro II, onde um cruzeiro já carcomido indicava o local do enforcamento de Lucas da Feira; flexionamos à esquerda na Rua Carlos Gomes, em seguida nova flexão, desta vez à direita, na Rua Visconde do Rio Branco; seguimos em frente e, muita sola de sapato depois, chegamos na Av. Getúlio Vargas. Lá poderíamos assistir à passagem do desfile em pé, porém, com certo conforto, à sombra de uma frondosa figueira, plantada na calçada do prédio dos Correios. Ledo engano.

Não demorou muito e comecei a observar pequeninos insetos saltitantes em minha camisa; os sentia também na pele, principalmente no rosto. Contudo, ao longe já se ouvia o troar de tambores e cornetas; aproximava-se o grande momento. O ponto de partida do desfile era ao final da Avenida Getúlio Vargas; no mesmo local onde ocorria, às segundas-feiras, a conhecida “Feira das Gaiolas”; bem próximo do atual cruzamento com a Av. Maria Quitéria. Dali em diante, sentido nascente, já se falava em subúrbio feirense.

O desfile iniciava-se às 9 horas e se prolongava até próximo do meio-dia. Sua ordenação prévia determinava que as crianças de escolas infanto-juvenis fizessem a abertura, seguidas das escolas públicas secundárias. Logo após, vinham as instituições privadas de ensino. Eram estas que se esmeravam em ferrenha disputa pelos troféus de melhor banda, melhor marcha, melhor baliza. A parte militar da parada se iniciava com os homens e mulheres, Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial. Finalmente, as forças militares da ativa e veículos blindados fechavam a parada cívico-militar.

Não tardou, um ou alguns mosquitos entraram em meus olhos e o ardor infligido foi acompanhado das primeiras lamúrias. Meu avô examinou minha roupa pretejada de mosquitos e concluiu desoladamente:

- São os lacerdinhas, Júlia!

Minha avó deu uma rápida batida em minhas roupas para espantar a nuvem, que também arroteava minha cabeça e logo se distraiu olhando o início do desfile das secundaristas do Gastão Guimarães. Eu, inquieto, esfregava os olhos com as costas da mão.

Nos inícios da década de 60, chegou ao Brasil um inseto proveniente da Ásia, cientificamente conhecido como *Gynaikothrips ficorum*. Foi apelidado pelos cariocas de “lacerdinha”, em irônica referência ao ex-governador Carlos Lacerda, famoso pelo seu radicalismo político e agressividade verbal. Esses minúsculos seres voadores, infestavam principalmente as árvores do Gênero Ficus; e de algum modo que desconheço, eram atraídos por transeuntes vestidos com roupas claras. Ao entrar nos olhos de alguma vítima, não era das menores a dor que causava. Ardia como pimenta.

Já se aproximavam os alunos do Colégio Santo Antônio, famosos pela sua marcha impecavelmente sincronizada. Todos os anos ganhavam troféus nesse quesito. Logo após viria o aguardadíssimo desfile do Colégio Santanópolis, que todo ano agregava um novo instrumento à sua banda marcial. Naquele ano, era a flauta. Foi quando com olhos inchados e vermelhos, eu saí do modo lamurioso para o choro franco. Mais uma vez meu avô se manifestou quase ralhando:

- Júlia, dê um jeito nesse menino, não tem quem possa assistir ao desfile em paz! Ainda vestem uma camisa amarela...

Foi aí que ganhei o primeiro tapão do dia. Meio empurrão pela nuca, meio sopapo mesmo, o solavanco me fez desaparecer da calçada para o meio da rua. Uma mão na gola da camisa me trouxe de volta ao ponto inicial. Para tentar me acalmar, saíram da sombra do pé de ficus e foram para uma área ensolarada; aonde guarda-chuva se tornava guarda-sol. A medida me livrou de novos ataques, mas os danos já estavam feitos. Ardia, lacrimejava e eu chorava.

Um instante de corajosa resistência, me fez arregalar os olhos para observar, ainda ao longe, as evoluções da baliza do Santanópolis. Geralmente vestidas de maiôs, cobertos por mini blusas e minissaias, essas garotas eram espécie de madrinha da banda. Trazia nas mãos um bastão enfeitado com fitilhos, que as ajudavam a executar movimentos coreográficos ao ritmo da música.

Tambores, tubas, clarins e clarinetas ressoavam e eu choramingava. Um vendedor ambulante passou em nossa frente vendendo balões de

soprar, bandeirolas verde e amarelo e outras bugigangas. Meu avô resolveu me presentear com uma garrafinha de plástico, com capacidade de aproximadamente 300ml, a que nós crianças chamávamos, ingenuamente, de lança-perfumes. Seu conteúdo era apenas água perfumada, portanto, imprestável para beber ou lavar os olhos, mas, presumidamente, me distrairia. E funcionou. Por alguns instantes todas as dores e ardores se dissiparam, e eu apertava aquele vaso espargindo água para todo lado, inclusive molhando minha avó. Ganhei o segundo safanão.

Eis que a banda marcial se aproximava. Meu coração estremeceu com a forte pancada do bumbo. Vislumbro Célia Maria tocando sua flauta doce, tão doce como o segredo que guardei por quase toda a vida. Durante seus ensaios no quintal de casa, ela havia confessado que não conseguiu aprender algumas notas; assim, ao desfilar, em momentos distintos, apenas fingiria estar tocando. Enorme foi a emoção que senti quando ela, ao passar, me sorriu um sorriso recheado de cumplicidade.

Contudo, os lacerdinhas não tinham esquecido de mim, eu que, momentaneamente, os tinha deslembrado. Atacado com renovado furor, voltei às lágrimas. Impacientes, meus avós desistiram de ver o desfile das Forças Armadas, que sempre fechava o evento, e se puseram a caminho de casa.

Na estrada de volta, os dois também resmungavam contra os terríveis mosquitos. A bandeirinha que levei para a Parada de 7 de Setembro não lembro onde diabos a larguei, porém, a garrafinha de lança-perfume eu a conduzia como um bem precioso. Bem pertinho de casa, a alguns metros do portão, eis que fui separado de minha lança-perfumes. Deixou minhas mãos e seguiu ladeira abaixo, empunhada por um menino sem camisa, descalço e veloz como uma ventania. Abri num choro desatado e levei mais um pescoção para deixar de ser boca aberta.

- Francisco Otávio Lima Ferreira
Bacharel em Comunicação Social / Jornalismo
Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTÓRICAS DE FEIRA DE SANTANA¹

• Fábio Santana Nunes

O nome: “Princesa do Sertão”

Atribui-se a Ruy Barbosa este feito. Dizia ele em conferência no Cine Theatro Sant’Anna em 25 de dezembro de 1919: “nesta romagem pelos sertões e pelo recôncavo, de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja à bela princesa do sertão” (BARBOSA, 1988, p. 173). Entretanto, se foi nessa conferência proferida pelo grande jurista, jornalista, político e orador que surgiu o epíteto, como explicar que, em 1899, mais de 20 (vinte) anos antes, precisamente em um 2 de julho (data comemorativa à Independência da Bahia), o jornal O Propulsor já apresentava a cidade por esta alcunha?

Não é só a grandeza e imponência desta natureza exuberante, a precisão de suas serras alcantiladas, que nos despertaram admiração e entusiasmo! Tudo aqui nos anuncia o gênio operoso de seus habitantes, que caminham para, em próximo futuro, **a princesa do sertão** disputar o lugar de honra a que tem incontestável direito (O PROPULSOR, n. 142, 2 jul. 1899, p. 2, grifo nosso).

Ainda vemos o termo em outras três passagens anteriores: 1- Em 1901, escrevia-se: “a encantadora princesa do sertão da Bahia” (O PROPULSOR, n. 268, 1 dez. 1901, p. 1; 2- Em 1910, nos jornais, aparecem esta e outra alcunha (FOLHA DO NORTE, 19 mar. 1910, n. 27, p. 2): “Petrópolis Baiana”, atribuída a Joaquim dos Remédios Monteiro (conceituado médico, presidiu o conselho municipal nos últimos momentos do período imperial) no quartel final do século XIX, devido ao clima ameno de cidade serrana. Remédios usou, em seus escritos, o termo

¹ Palestra proferida em encontro mensal do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana em 2023.

“Petrópolis da Bahia” (MONTEIRO, 1884, p. 30); e 3- O termo “princesa do sertão” pode ser ainda encontrado no Diário Oficial do Estado da Bahia de 16 março de 1916 na reprodução do discurso da professora Mille Marília Carneiro de Souza, na inauguração de grupo escolar local (BAHIA, 1916).

Campo do Gado

Dessa relevante feira, em fevereiro de 1897, partiram para Guerra de Canudos “100 cavalos, destinados à condução” da 3ª Expedição (O PROPULSOR, n. 19, p. 01, 20 fev. 1897).

“É ali que, às segundas-feiras, tem lugar o famoso comercio de gado vacum, cavalar e lanígero.”, nas palavras do escritor, poeta e oficial do Exército, Anníbal Amorim (1917, p. 37-8)². Sua extensão, aponta o viajante, lembrava o Campo de São Cristóvão - importante largo na cidade do Rio de Janeiro. O imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Teresa Cristina, em 07 novembro de 1859, percorreram “a feira, que n'esse dia teve lugar” (SOUZA, 1861, p. 151). No ano de 1898, uma crônica de viagem de Mucio Teixeira, reconhecido jornalista, poeta e diplomata sul-rio-grandense, descreve vaqueiros, após a “faina diurna, no pouso, ao clarão das fogueiras”, repinicando violas, improvisando quadrilhas, “cantam ao desafio” e trocam “olhares” com mulheres negras que sambavam nesse local (O PROPULSOR, n. 101, p. 01, 19 set. 1898). Além de semanalmente ser lugar de negociação de animais, festejos em fim de lida e *grounds* para as disputas futebolísticas, foi território de outros divertimentos, tais como, corridas de cavalos, circos e touradas (NUNES, 2021).

Início do transporte ferroviário

É fato comum, dizer que a ferrovia chegou a Feira de Santana com a inauguração do tráfego direto que ocorreu em 2 de dezembro de 1876, mas nesse dia foi a inauguração da Estação Ferroviária de Feira de Santana.

² Annibal Amorim, chegou ao posto de General. Viveu em Feira de Santana, “a cidade onde passara os primeiros anos” da sua adolescência (AMORIM, 1917, p. 37). Ele nasceu na cidade vizinha de Coração de Maria, Bahia.

Desde os fins de fevereiro de 1875, uma solução provisória, pois estavam em processo de construção o túnel de *Capoeiruçu* e o Viaduto do Batedor. Antes dessas obras, era necessário fazer baldeação para vencer a descontinuidade dos trilhos utilizando planos inclinados com o auxílio de uma máquina a vapor fixa para “elevar os *trollers*” (nas imediações de onde estava se construindo o Viaduto do Batedor), trasladando passageiros e cargas para outra composição férrea e, assim, seguir viagem (BAHIA, 1876, p. 145-6).

Nos dois primeiros anos de funcionamento (1875/76), alcançou-se o quantitativo superior a 36 (trinta e seis) mil passageiros e quase 5,5 mil toneladas de carga (NUNES, 2021), com passagens na 1ª classe custando 4\$000 até a inauguração do tráfego direto, por conta dos gastos adicionais devido ao plano inclinado e, a partir daí o valor de 3\$000 (BAHIA, 1876; 1877). A ferrovia, nas palavras de Poppino (1968, p. 197), “constituiu um sucesso imediato”.

Primeiras projeções do Cinema

Conforme Beatriz Sacramento (2021), o Teatro de Sant’Ana teve sua “primeira exibição de filme” em 1910, iniciando as atividades cinematográficas por meio do cinema itinerante. Neste ano inaugural, segundo a autora, Feira de Santana recebeu o Cinema Brasil e o Cinema Elo de Ouro. Em 1911, chegou à cidade o Cinema Alemão. No ano seguinte, estreou o Cinema Vitória. A pesquisadora adverte que, quando se refere a cinemas, não se refere aos espaços físicos, mas “apenas” as empresas que realizavam as exibições por meio de algum aparelho de projeção cinematográfica portátil.

Em *O Propulsor*, jornal feirense do final do século XIX e início do XX, uma pequena nota alargaria o período de uso do Theatro Sant’Anna como espaço para reprodução de imagens por meios de cinematógrafos: “Amanhã às 8 horas da noite, funcionará no theatro d’desta cidade o cinematographo, expondo a apreciação do público lindas e custosas cenas” (*O PROPULSOR*, n. 164, p. 01, 03 dez. 1899).

Construção da Avenida Sampaio

Em 28 de agosto de 1889, a Câmara Municipal noticiou que iria “prolongar a rua Almirante Barroso” (atual Rua Comendador Targino) e transformá-la em “uma larga e longa avenida”, tendo o próprio *Jockey Club* Feirense contribuído com os recursos para esse melhoramento urbano “cujo hipódromo é ali situado” (FOLHA DO NORTE, 28 ago. 1943, n. 1781, p. 01). Certamente, no conserto do novo projeto urbanístico e econômico que se desenhara, pois a alargaram, transformando a “outrora estrada da Lagôa do Fumo” (O PROPULSOR, 30 abr.1899, n. 133, p. 04), surgindo assim a Avenida Sampaio³. As palavras de Oliveira (2016, p. 183), refletindo sobre outro período histórico da urbe compreendido entre 1920 e 1960, servem bem ao momento: “incorporava à cidade lugares distantes, tornando cidadinas regiões antes entendidas como rurais, projetando-lhes a sombra urbanizadora de práticas e coisas.”

Contudo, no final do século XIX, ainda havia roças situadas à Avenida Sampaio (O PROPULSOR, 30 abr. 1899, n. 133, p. 04). E no começo do século XX, possuía uma “avenida de chácaras e mais chácaras” – “agradável e repousante miniatura das fazendas apagadas à distância” (BOAVENTURA, 1989, p. 415-416). Em meados da década de 20 do século passado, ainda sem calçamento nem passeios públicos como é possível constatar no livro Feira de Santana em postais (GAMA, 2009), porém aparentemente larga, era superior, certamente, à maioria dos logradouros da cidade naquele início de século– indício de que o traçado conduziria para um lugar importante, à época, no País: um hipódromo! (NUNES, 2021). Na atualidade, toda essa região compõe o centro urbano da cidade.

Praça Jackson do Amauri

Nesse local foi inaugurado a 14 de setembro de 1941, o “Campo de Esportes dos Irmãos Andrade” “localizado a rua do ABC” (FOLHA DO

³ De acordo com Oliveira (2016, p. 177), era uma maneira de ligar diretamente viajantes vindos do oeste e sudoeste com a Estrada da Boiadeira, um caminho de formato “sinuoso, aproveitado sob a forma de Rua.”

NORTE, n. 1679, p. 01, 13 set. 1941). O chamado “Estádio da Vitória”, conforme o saudoso confrade do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, Oscar Damião de Almeida (2002). Este estádio sediou competições da Liga Feirense de Desportos Terrestres fundada em 1942, em particular, o futebol (LÁZARO, 2015). Chegou a receber como visitante o time carioca, Botafogo, disputando partida com a agremiação local “A. D. Bahia, reforçada por jogadores do Ypiranga e do Vitória da Capital” (FOLHA DO NORTE, 24 jan. 1942, n. 1698, p. 03). O lendário Heleno de Freitas marcou dois gols neste jogo e em entrevista disse (com outras palavras) que já havia jogado em diversos lugares, porém nunca tinha realizado uma partida no fundo de uma chácara. “A. D. Bahia” significa Associação Desportiva *Bahia*, ou “Bahia de Feira”, como é mais conhecido.

Nesse mesmo lugar existiu anteriormente um hipódromo. A área do campo era próxima (parte dela na mesma direção) ao Asilo Nossa Senhora de Lourdes, situado na Avenida Senhor dos Passos, entidade que cedeu arrendamento do antigo hipódromo ao *Jockey Club* no início do século XX (FOLHA DO NORTE, 26 jul. 1914, n. 280, p. 01). Anuncia-se a venda de lotes de terrenos “em ótimo lugar, no antigo ‘Hipódromo’ 5 minutos da praça do comercio” (FOLHA DO NORTE, n. 2036, p. 02, 17 jul.1948).

A primeira notícia que evidencia o funcionamento do *Jockey Club* Feirense encontra-se na seção do jornal *Folha do Norte*, denominada “Vida Feirense”. No dia 01 de dezembro de 1889, explica a nota memorialista, ocorreu a “Inauguração festiva do hipódromo do «Jockey Club Feirense»” (FOLHA DO NORTE, n. 2212, p. 01, 01 dez. 1951). Funcionando durante os anos 1890.

E no século XX, a reinstalação do *Jockey Club*, a nota prossegue referindo-se ao valor necessário para reerguer o Prado Feirense: “Para esse fim constituíram uma sociedade anonyma com o capital inicial de 5:000\$000 que ja se acha quasi subscripto.” Com relação ao local para realizar as atividades turfísticas, anunciava-se que já “se acha minutado o contracto á firmar-se com a direção do Asylo de Lourdes para o arrendamento por 5 anos do antigo hypodromo, a Avenida Sampaio onde contam reinstalal-o” (FOLHA DO NORTE, 26 jul. 1914, n. 280, p. 01).

Passados vinte e cinco anos da primeira experiência de turfe na urbe, dia 29 de novembro de 1914, um domingo, “anuncia-se a reabertura do hypodromo” pertencente ao *Jockey Club* Feirense (MELLO; BRITO, 2018). Enfim, mais um domingo turfístico!

- Doutor em Estudos do Lazer – UFMG
Professor no Curso de Educação Física e Mestrado
em História da UEFS

Referências:

ALMEIDA, Oscar Damiano de. **Dicionário personativo, histórico, geográfico e institucional da Feira de Santana**. 3ª ed. Feira de Santana: Gráfica Modelo, 2002.

AMORIM, Anníbal. **Viagens pelo Brasil, com oitenta gravuras**: do Rio ao Acre, aspectos da Amazônia, do Rio a Matto Grosso. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1917.

BAHIA. **Diário Oficial do Estado da Bahia**. Salvador, 16 mar. 1916.

BAHIA. **Relatório com que o excellentissimo senhor presidente, dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, abriu a Assembléa Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de maio de 1876**. Bahia: Typographia do Jornal da Bahia, 1876. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/130605/per130605_1876_00001.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

BAHIA. **Relatório com que ao illm. e exm. snr. dezembargador Henrique Pereira de Lucena, passou a administração da Provincia em 5 de fevereiro de 1877 o exm snr. conselheiro Luiz Antonio da Silva Nunes**. Bahia: Typographia do Jornal da Bahia, 1877. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/130605/per130605_1877_00001.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.

BARBOSA, Ruy. **Obras completas de Ruy Barbosa**: Campanha da Bahia. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e Ministério da Cultura, vol. XLVI (1919), tomo III, 1988.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgo e vaqueiros**. Salvador: UFBA / Centro Editorial e Didático, 1989.

GAMA, Raimundo. **Feira de Santana em postais**. Feira de Santana, 2009.

LÁZARO, João Pedro Prado Mercês. **Labirintos da bola: normatização e práticas do futebol em Feira de Santana (1942-54)**. 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

MELLO, Carlos Alberto Almeida; BRITO, Carlos Alberto Oliveira (Orgs.). **Memórias: Arnold Ferreira da Silva**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos. Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2018.

MONTEIRO, Joaquim Remédios. A Feira de Sant’Anna como “sanatorium” da tuberculose pulmonar. **Gazeta médica da Bahia** - Série III, v. II. Bahia: Litho-Typographia de João Gonçalves Tourinho, junho, 1884.

NUNES, Fábio Santana. **Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922)**, 2021. 220 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2021.

OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes. **Canções da cidade amanhecendo: Urbanização, Memória e Silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2016.

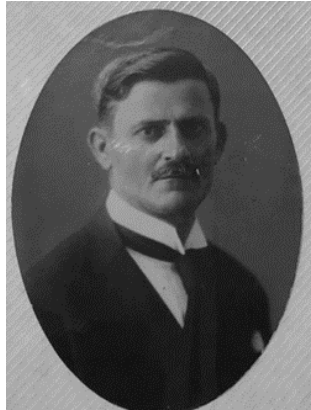
POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Bahia: Editora Itapuã, 1968.

SACRAMENTO, Beatriz Café, S123 **“Me leve sempre ao cinema, vos suplico Santa Emma”**: o cinema e as elites em Feira de Santana (1912-1938) – 2021. 130 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

SOUZA, Bernardo Xavier Pinto de. **Memórias da viagem de SS. Magestades Imperiaes às províncias da Bahia, Pernambuco, Parahiba, Alagoas, Sergipe e Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typ. e Livraria de B. X. Pinto de Sousa, 1861.

“CABOCLÃO” VICTÓRIA

- Franklin Machado



Entre os feirenses que saíram e que foram ilustres em outras paragens, está Eulálio Victória de Cerqueira, que pouquíssimos o identificariam por este nome. Porém, se ouvissem “Caboclão Victória”, todos sabiam que se tratava de um dos cidadãos mais representativos e respeitados do Município baiano de Mundo Novo, onde morou até 1952, quando sofreu aos 82 anos um ataque cardiovascular. Foi trazido para uma clínica em Feira de Santana, onde faleceu e está enterrado no Cemitério Piedade.

Descendente de uma família feirense colonizadora dessas terras de Mundo Novo, “Caboclão” começou cedo a trabalhar para ajudar sua mãe Hermenegilda, viúva, moradora no Sítio Bom Jardim, na zona rural. Tirava e ia vender o leite das vacas, arrumava cargas de lenha e de frutas e fazia outros serviços como ir vender doces que sua mãe fazia. Seu pai, Cesário, foi um garimpeiro que morreu procurando diamantes nas Lavras Diamantinas, vitimado por febres. Sua mãe ficou com mais dois filhos menores: Cesário e Antônio.

Já rapaz, Eulálio começou a vida de tropeiro com um jumento, a princípio, levando uma carga de café do Cobé, para vender em Cachoeira,

voltando com uma de açúcar de Santo Amaro, levando cerca de um mês nessa viagem.

Começou a namorar a prima carnal Alice Rosa, filha do tio patriarca Luís Paulino Victória, dono da Fazenda Pau d' Arco e de outras de criação de gado. Naqueles tempos, morava-se mais na zona rural e os encontros se davam por ocasião de festas religiosas e bastavam olhares e bilhetinhos. Ou, recados por pessoas amigas. Pegar na mão ou abraçar era um grande comprometimento. Assim, Alice, apelidada de “Iaiá”, esperou 33 anos para se casar com seu escolhido, o primo pobre, rejeitando outros partidos que quiseram lhe arranjar.

Casados, só criaram uma filha, a Profa. Anita, que se casou em 1942, com o dentista feirense Isaac Barreiros Machado.

Autodidata, “Caboclão” aprendeu a tocar flauta, fazendo parte da Filarmônica Euterpe Mundonovense e lá chegou a ser maestro regente.

Fazendo sempre suas economias adquiriu uma propriedade, o Salobro, em sociedade com o amigo Cesar Leão. Desfeita a sociedade, comprou a Fazenda São Paulo, no Município de Mairi, renomeando-a para a Fazenda Triunfo.

O cidadão Eulálio Victória foi o gerente da primeira instituição bancária instalada em Mundo Novo – o Banco de Administração – o que o fazia conhecer todos os homens de negócios da região, bem como ser por eles conhecido.

Morava na praça principal da cidade, vizinho ao sobrado sede da Prefeitura Municipal; sua residência era um local de acolhimento dos amigos e dos chamados “homens de bem” que ali iam conversar as novidades, a política, os negócios, o preço do boi e do café, jogar um gamãozinho e tomar o cafezinho da esposa, dona Iaiá, servido às 10 e às 15 horas diariamente. O café era produzido na sua propriedade e era torrado e caldeado em casa. A sala de visita nestas horas, enchia dos amigos sob o olhar sisudo do Imperador D. Pedro II, cujo retrato ficava na parede. O jogo de Gamão era um passatempo muito apreciado ali e não havia apostas.

Era leitor de jornais e revistas que chegavam à cidade e tinha assinatura da revista “Seleções do Reader’s Digest”, que chegava pelos Correios.

Embora pertencente ao PSD - (Partido Social Democrático), nunca quis ser candidato a nada. Uma vez, os correligionários lhe indicaram para Prefeito, mas ele declinou em favor de outro que foi eleito. As cidades, naquele tempo, sempre tinham dois lados com clubes sociais, partidos políticos, filarmônicas e outros locais distintos. Entretanto, todos reverenciavam o velho “Caboclão” tendo-lhe respeito, confiança e admiração.

Com os amigos, era brincalhão, sem palavras ofensivas. Tinha vários livros de contas, para registrar despesas feitas ou pagamentos de empregados de fazendas de amigos, que moravam na capital ou fora e que depois iam acertar as contas.

Algum tempo após sua morte, seu neto e afilhado, o advogado Franklin de Cerqueira Machado, que, quando estudante, sempre passava férias ali e brincava de faroeste nos fundos dos quintais com os vizinhos, não contestou e acertou a desapropriação da casa de residência da família para a Prefeitura, na gestão do Sr. Ederval Nery, para abrir uma rua, ligando a Praça Senador Cohim, para as margens do Riacho do Ouro, urbanizando aquela área e fazendo a cidade crescer dentro da sugestão, oferecida pelo mesmo Dr. Franklin, quando era procurador do Município, na gestão anterior do parente Osvaldo Vitória.

A rua aberta, acrescida com a demolição do prédio da Prefeitura, que pertenceu ao Senador Cohim, tomou o nome de Rua Cesar Leão, preterindo-se o nome de Eulálio Victória de Cerqueira, mas que vive perpetuado na memória e no apreço dos que lhe conheceram e alardeiam o seu exemplo de cidadão honesto e direito.

Entretanto, o mesmo Franklin de Cerqueira Machado formalizou junto à UEFS, a sua decisão de doar 40 tarefas de terra no Sítio Bom Jardim que pertenceu à sua família, desde antes de 1850 e que ainda ostenta mata primária da Floresta Atlântica, a fim de que ali a UEFS preserve e possa estabelecer uma reserva biológica ou futuras escolas de Botânica, ou ainda

Agronomia com o nome de seu avô Eulálio, o conhecido “Caboclão” Victória, fazendeiro conservacionista nato, fazendo jus à sua memória na região. Ao mesmo tempo, uma gratidão do feirense àquela zona que ajudou muito a tradicional feira de gado de Feira de Santana, fornecendo boiadas gordas, como até o compositor Luiz Gonzaga cantou:

“Adeus Mundo Novo, adeus!

Eu vou pra Feira de Santana

Eu vou vender minha boiada”...

A área doada fica apenas 19,8 km de Feira de Santana pela Rodovia do Feijão e dista apenas 3 km desta estrada em terreno plano, conseqüentemente se situa na metade do caminho da sede da UEFS, para o seu campus avançado em Lençóis, que o próprio Franklin Machado como diretor do Museu Casa do Sertão ajudou ao Prof. Ronaldo Sena a montar nos reitorados de Josué Mello, Anaci Paim e José Onofre Gurjão.

É bom enfatizar que o mesmo Franklin Cerqueira Machado deu a ideia ao Clube Lyons de se criar o Museu Casa do Sertão e que o mesmo veio a dirigir de 1990 a 2000 sempre com o objetivo de apresentar as coisas da colonização sertaneja.

- Franklin Machado, advogado, cordelista, escritor

O FUTEBOL NAQUELE TEMPO...

- **Zadir Marques Porto**

A bola de “couro de boi”, muito maior que a atual, de gomos, costurada à mão, quando molhada “pesava uma tonelada”. As chuteiras, do mesmo material, com birros altos, pregos salientes, que feriam o adversário, depois de molhadas quando secadas ao sol enrijeciam, tirando qualquer flexibilidade que por acaso tivesse. O material esportivo, produzido em algodão grosso - camisas, calções e meias -, molhados também pesavam e dificultavam a locomoção dos atletas em campo. Estes (os campos) via de regra, tinham mais terra do que grama, na verdade o chamado “capim de burro”, isso nos estádios oficiais porque nos campos comuns a bola rolava, ou saltitava mesmo, na terra!

Era tudo diferente. Goleiro para ser goleiro mesmo não dava tapinhas nem murros na bola. Tinha que subir e descer com ela, como se dizia “cunhar” a redonda, nas bolas à meia altura a “ponte” era obrigatória e levava a torcida ao delírio. E nada de rebote. Não havia luvas, os goleiros usavam joelheiras sim, e enfrentavam bombardeios de jogadores como Gilson Porto, Nena, Gilberto, Coruja Canhotoeiro, Eder, Nelinho, que pareciam ter canhões em lugar dos pés. Eram 11 contra 11, não havia substituição, nem cartões. Se houvesse contusão séria a equipe ficava com um a menos e como futebol “é para homem”, assim se dizia, expulsão só depois de uma falta muito grave, um “crime doloso”, porque “culposo” era perdoado pela arbitragem. Esse negócio de VAR era inimaginável e se alguém falasse algo semelhante seria encaminhado para um “hospital especializado” como hoje são denominados os estabelecimentos destinados a tratamentos mentais.

Tudo, tudo era diferente. Os goleiros que hoje não podem ter menos de 1,90m de altura, quando “enormes” chegavam a 1,80m. O caso de Gilmar da seleção brasileira. Mundinho do Fluminense tinha 1,70m, Peri-Peri, seu antecessor 1,65m, Detinho do Vitória, Dudinha do Galícia idem.

Os zagueiros centrais, “obrigatoriamente gigantes”, chegavam a 1,82m, o caso de Beline e Mauro da seleção brasileira. Os pontas, que foram “exterminados” do futebol moderno, verdadeiros bailarinos com a bola nos pés, destroçadores da defesa, tinham 1,50m a 1.60m de altura, na grande maioria. Hoje nem nos times juvenis eles jogariam.

Tudo mudou por conta da evolução, coisa natural, porque o homem garante que muda a natureza, que muda tudo. No caso do futebol a mudança tem sido drástica. Os “campos” depois estádios, hoje são arenas. Obras fabulosas da engenharia moderna, o capim de burro dá lugar ao gramado sintético, para a bola correr sem obstáculos. Os jogadores são gigantes, centroavantes (atacantes) de 1,98m, 2,03m. Goleiros com mais de 2m de altura. O árbitro em campo mais parece um aprendiz de pilotagem, esperando um dia receber o brevê. Apita e espera a aprovação ou não do VAR!

Nas arquibancadas torcidas separadas, vigiadas por policiais e seguranças e mesmo assim há terríveis incidentes com mortes. No campo, jogadores considerados “craques” ganhando milhões por mês, para fazer algo que no passado era mais um divertimento, um passatempo. Verdadeiro acinte comparando-se com o que devem ganhar cientistas que empenham suas vidas pelo bem da humanidade, educadores, ecologistas, médicos, astrônomos, astronautas, pesquisadores, engenheiros, economistas e milhares de outros profissionais indispensáveis ao cotidiano, como pedreiros, mecânicos, garis e outros anônimos.

Talvez essa minha análise não seja compatível com a sua e isso pode ser entendido como absolutamente normal, mas é o que vejo nesse mundo globalizado, onde a tendência é a similaridade, mas de uma forma perigosa, com a polarização de extremos as “escolinhas” formam atletas idênticos. Aliás, esse é o papel de uma escola, onde só se sobressai quem tem talento natural. Interessante é que antes “naquele tempo” (isso há 60 anos ou mais) os pais não queriam seus filhos jogando bola, pois era coisa de moleque. Hoje eles (pais e mães) colocam os guris com nove, 10 anos de idade em escolinhas pagas, para que eles aprendam a arte (a profissão). Antes iam para oficinas mecânicas, alfaiatarias, sapatarias, barbearias,

marcenarias etc. A lei proíbe o trabalho de menores, mas no futebol isso é comum!

Sigo o andamento de um “jogo sensacional” e só consigo ver duas equipes com a mesma forma tática, acertos e erros embora de cada lado o “professor” de prancheta nas mãos enuncie uma importante variação tática, que, infelizmente não enxergo (talvez seja a necessidade de óculos). O que vejo claramente, além do futebol sofrível, são as chamadas “torcidas organizadas”, separando de forma irreconciliável amigos a até familiares. Naquele tempo, como se diz na Bíblia, íamos todos juntos aos estádios! Saudade da chuteira e da bola de couro cru, das torcidas “desorganizadas” e do “capim de burro”, onde desfilavam craques como Zizinho, Didi, Ademir Menezes, Carlyle, Domingos da Guia, Leônidas e nasciam Pelé, Garrincha, Rivelino, Gerson e tantos outros. Evolução, involução, desilusão. Sei lá...

- Zadir Marques Porto,
jornalista, radialista

JORNAIS FEIRENSES NA HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA

- Danilo Cerqueira Almeida

OS JORNAIS DE FEIRA NA BIBLIOTECA NACIONAL

Há jornais de Feira de Santana digitalizados na internet, este nosso sistema global de redes de computadores interligadas e que nos oferece um incomensurável potencial de informações. Os exemplares estão na Biblioteca Nacional, mais institucionalmente na Fundação Biblioteca Nacional, em sua Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB). Embora não sejam nem todos os jornais e nem todas as edições dos jornais que circularam no município, o número é importante e simbólico sobre a presença, a representação e a circulação, em nível nacional, à época, dos acontecimentos da cidade baiana, conhecida pelo epíteto de Princesa do Sertão.

Sobre estes jornais baianos digitalizados na BNDigital, efetuaremos uma apresentação de notas sobre o que já pode ser compartilhado em relação ao que foi encontrado e os elementos metodológicos utilizados para iniciar a pesquisa, a exemplo de catalogação elementar e leitura orientada dos dados encontrados nas publicações.

As motivações para este trabalho decorrem da palestra *História e evolução dos jornais de Feira de Santana*, proferida pelo prof. Rodrigo de Sousa Alves, em 25 de maio de 2023, no Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana (IHGFS). Na ocasião, a referida palestra suscitou no autor deste trabalho a ideia de pesquisar, na BNDigital, a presença de jornais feirenses digitalizados. Associados a outras experiências de formação acadêmica deste autor com periódicos, a exemplo de artigo (Santos et. al, 2011), monografia (Almeida, 2012), dissertação (Almeida, 2014) e outros trabalhos relacionados ao assunto jornais, este trabalho apresenta-se como contribuição aos estudos sobre periódicos feirenses e continuação aos estudos sobre a bastante vasta e ainda insuficientemente pesquisada área de periódicos.

A PESQUISA EM PERIÓDICOS: FONTES E CONTEXTOS

A pesquisa em periódicos implica alguns passos para as atividades que visam a abordagem, a coleta, a análise e a exposição dos dados, bem como da metodologia e dos resultados referentes ao estudo. Entre as especificidades de cada referência, que foi adequada ao objeto, aos objetivos e ao conteúdo específico disponível do referido corpus investigado, pesquisado e a ser apresentado, destacam-se, até então, muitas referências que se aplicam a periódicos consultados notadamente na sua forma impressa.

As referências utilizadas como fonte deste trabalho são: capítulo “A pesquisa em periódicos na literatura brasileira”, de José Aderaldo Castelo (1970), que define fundamentos para a pesquisa em periódicos na Literatura Brasileira; dissertação de mestrado Sant’anna dos Olhos d’Água: resgate da memória cultural-literária de Feira de Santana (1890-1930), da prestigiada e saudosa professora Ana Angélica Vergne de Moraes (1998), uma excelente pesquisa sobre o também jornal feirense Folha do Norte (1909-), que teve como objeto de 250 crônicas de uma seção (que depois foi ampliada para outras seções), entre os anos de 1890 e 1930, e possui catalogação dos textos pesquisados; livro Memórias: periódicos feirenses 1877/1888, organizado por Carlos Alberto Oliveira Brito e Arcenio José Oliveira (2007), uma publicação em edição fac-símile de edições de 10 jornais feirenses disponíveis na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ), publicadas originalmente entre os anos de 1877 e 1888, e presentes, contemporaneamente, na BNDigital – constitui parte do objeto deste trabalho; Tese de doutorado Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia, de Adeíto Manoel Pinho (2008), que aborda uma pesquisa em todo o jornal soteropolitano O Imparcial (1918-1947), notadamente sobre as seções literárias deste, e possui catalogação dos textos pesquisados; Dissertação O resgate da produção literária de João Paraguaçu n’O Imparcial da Bahia, de Danilo Cerqueira Almeida (2014), autor deste trabalho, que contempla a pesquisa no jornal soteropolitano O Imparcial (1918-1947) sobre as publicações do autor João Paraguassú/Paraguaçu, pseudônimo do baiano Manoel Paulo Telles de Mattos Filho (1890-1969), entre os anos de 1936 e 1944, na seção “Vida

Social”, textos depois encontrados em digitalizações de edições do jornal fluminense Correio da Manhã (1901-1974) também na BNDigital, e que também possui catalogação dos textos pesquisados.

As citadas referências em catalogação de jornais para as pesquisas acadêmicas apresentam modelos práticos e aspectos teóricos articulados no contexto de cada objeto de estudo consultado, embora mantenham relações dialogáveis no que se refere a suporte, forma, conteúdo, contexto e metodologia. Assim, tornam determinados elementos dialogáveis quando da descoberta de novos objetos/objetivos e construção de pesquisas ao longo do tempo, a exemplo deste trabalho. Nesse sentido, cada um dos trabalhos citados e pesquisados em periódicos impressos contribui para o consultado deste, em que se pesquisa sobre um conjunto maior de periódicos on-line.

A consulta aos textos foi realizada por meio da internet, segundo as características do sistema utilizado para reproduzir digitalmente as páginas dos jornais, em muitos casos, mais de cem anos depois da publicação. As vantagens e os recursos disponíveis para a pesquisa em periódicos na BNDigital podem ser descritos na citação a seguir:

A consulta, possível a partir de qualquer aparelho conectado à internet, é plena e avançada. Pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavra(s). A busca por palavras é possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR), que proporciona aos pesquisadores maior alcance na pesquisa textual em periódicos. Outra vantagem do portal é que o usuário pode também imprimir em casa as páginas desejadas (Hemeroteca Digital, [201-], grifo nosso).

INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS E DESCRIÇÃO DE DADOS E AÇÕES

A construção da planilha de catalogação, elaborada no aplicativo Planilhas Google, foi iniciada com a criação do arquivo e a divisão da catalogação dos jornais em páginas diferentes desse mesmo arquivo. Cada

página foi composta com 30 fichas de catalogação de edição para um determinado periódico, cujos dados de pesquisa foram inseridos nos campos correspondentes e determinados para, posteriormente, servirem de referência para completar a construção de fórmulas e a computação dos dados.

O processo de identificação e a preliminar catalogação dos jornais implicou a tarefa de pesquisa inicial em todos os jornais baianos digitalizados na Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), de modo que, a partir dessa primeira identificação, fosse possível encontrar e selecionar apenas os periódicos feirenses para discussão. Pode-se encontrar, na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), segundo uma busca no sistema eletrônico do *site*, atualmente 362 registros de periódicos como sendo de origem da Bahia. No entanto, foi possível apontar cerca de 346 registros de diferentes periódicos da Bahia disponíveis para consulta, uma vez que há mais de uma digitalização e registro para o mesmo periódico ou de divisão de registros em períodos diferentes de um mesmo periódico. Desses 346 registros, quatro são de outros estados: 1) dois periódicos diferentes estão incluídos no mesmo registro, um da Bahia e outro do Rio de Janeiro: a) *Única – Revista Feminina: Litteratura, Arte, Elegancia, Sociologia* (RJ, [1925-1927?]; b) *Unica: quinzenario illustrado: mundanismo, esportes, cinema, actualidades* (BA, [1930 a 1953]), com dados cadastrados na BNDigital⁴; 2) *A Justica*, da cidade de Pombas (MG, 1909 a 1920)⁵; 3) *O Constitucional: Folha Politica, Litteraria e*

⁴ Não é da Bahia até 1927 (a redação do periódico e muitos anúncios ficam no Rio de Janeiro (p. 10, <http://memoria.bn.br/DocReader/155888/10>) A partir de 1930, é publicado na Bahia um novo periódico com este nome (<http://memoria.bn.br/docreader/155888/625>). Aparentemente, ambos foram unidos no mesmo registro da BN Digital.

⁵ Periódico disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/848417/1>. Acesso em: 7 mar. 2024.

Commercial (MA, 1851 a 1864)⁶; 4); *Revista dos Tribunaes* (RJ, 1856 e 1857)⁷.

Muitos dos 346 registros de periódicos diferentes não apresentam referências diretas ao estado ou cidade de origem. Nesses casos, a identificação foi confirmada por meio da leitura breve de seu conteúdo com o fim de identificar de onde foram publicados. Foi possível identificar periódicos de 22 localidades baianas. Quantitativamente, destacam-se as localidades de Salvador (aproximadamente 247 periódicos), Cachoeira (27 periódicos), Feira de Santana (13 periódicos), São Félix (8 periódicos) e Nazareth (7 periódicos). Há 33 periódicos nos quais não se pôde fazer a identificação de origem. Destacamos, para este trabalho, a análise mais detalhada dos periódicos de Feira de Santana, em que apenas cinco periódicos dos 13 apresentaram mais de uma edição disponível na BNDigital: *A Convicção* (1884, 1 edição), *A Flor* (1921 a 1933, 30 edições), *A Luz* (1951, 3 edições), *A Reacção: Órgão dos interesses do povo* (1889, 1 edição), *Cidade da Feira: Propriedade de uma Associação* (1888, 1 edição), *Correio da Feira: Órgão do Partido Conservador* (1882, 1 edição), *Correio de Notícias: Neutralidade Política* (1885, 1 edição), *Echo Feirense: Periodico Noticioso e Litterario* (1878, 1 edição), *Jornal da Feira: Publicação Diária* (1884, 3 edições), *O Capitulo: Jornal Satyrico e Litterario* (1877, 1 edição), *O Motor* (1877-1881, 3 edições), *O Progresso: Periódico noticioso* (1882, 12 edições), *O Vigilante* (1878, 1 edição).

As colunas para inserção das informações obtidas com a leitura preliminar das edições dos periódicos feirenses foram construídas de acordo com o que foi identificado ao longo dessa leitura prévia dos periódicos. Neste trabalho de abordagem inicial dos jornais digitalizados, uma leitura introdutória identificou e anotou dados sobre cada periódico, em que foram registrados, quando possível: Periodicidade; Redação/Endereço; Proprietário; Tipografia; Assinatura (do jornal);

⁶ Periódico disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/823317/1>. Acesso em: 7 mar. 2024.

⁷ Periódico disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/717118/1>. Acesso em: 7 mar. 2024.

Páginas (Número de páginas de cada periódico) e Observações. Em colunas de registro para cada edição de periódico consultada e do conjunto de edições do mesmo periódico, foram delimitados: Ano(s); Edição(ões); Data(s); Seção(ões); Destaque(s); Gênero (de) Texto; Descrição(ões); Autorias; pgs. (páginas); Link(s) (das páginas na Biblioteca Nacional Digital (BNDigital)); OBS (Observações).

Por meio da inserção dos dados identificados sobre as edições pesquisadas, foram utilizadas fórmulas do Planilhas Google para coletar os dados relativos à quantidade de: Textos sem autoria; Autorias Diferentes; Gên. Não Ident. (Gêneros não identificados); Gên. Text. diferentes (Gêneros de Textos Diferentes). Os 29 gêneros de texto identificados no acervo de 13 periódicos feirenses, em 236 páginas pesquisadas na BNDigital, juntamente com a quantidade preliminar de textos de cada um dos gêneros, são apresentados a seguir, em ordem alfabética e quantificados no conjunto das 13 edições pesquisadas: Anedota (19 textos); Anúncio (285 textos); Artigo (46 textos); Ata (1 texto); Aviso (25 textos); Carta (2 textos); Cartão (2 textos); Cartão de Aniversário (7 textos); Charada (4 textos); Citação (8 textos); Conto (5 textos); Convite (2 textos); Crônica (22 textos); Dados (5 textos); Declaração (8 texto); Denúncia (1 texto); Discurso (1 texto); Edital (3 texto); Editorial (7 textos); Ensaio (1 texto); Epigrama (1 texto); Errata (1 texto); Expediente (3 textos); Nota (38 textos); Notícia (532 textos); Parlenda (1 texto); Paródia (1 texto); Poema (76 textos); Romance (3 textos, em fragmentos).

Entre os gêneros de texto mais encontrados, podemos identificar os que mais se correspondem com o contexto jornalístico, como notícia (532 textos) e anúncio (285 textos). Em quantidade menor, mas significativa, há poema (76 textos), artigo (46 textos), nota (38 textos), aviso (25 textos), crônica (22 textos) e anedota (19 textos).

Em termos de autoria, destaca-se o autor Sales Barbosa (1862-1888 – escrito Salles Barbosa à época), epônimo de biblioteca da câmara de vereadores de Feira de Santana, de rua histórica do centro comercial deste município e objeto de estudo de dissertação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) (Almeida, 2016). O autor de *Cavatinas* (1885)

possui, no *corpus* pesquisado, publicações relacionadas em três jornais: um poema, “Esplêndida!”, com dedicatória a Antonio Bastos, além de datado e localizado como de Feira de Santana (1884), no jornal *A Convicção*⁸; uma crônica, intitulada “A Religião”, datada e localizada como “Feira: - Fevereiro”, publicada na seção literária do jornal *Echo Feirense*⁹; cinco notícias sobre ações do então Grêmio Salles Barbosa em edições do jornal *A Flor*¹⁰, incluindo um festival e duas peças dramáticas.

Os 13 jornais feirenses encontrados na HDB, compõem o material jornalístico de Feira de Santana disponível na BNDigital. As edições de 10 desses periódicos compõem o livro *Memórias: Periódicos Feirenses 1877-1888*, organizado por Carlos Alberto Oliveira Brito e Arcenio José Oliveira em 2007. É uma edição fac-símile das páginas dos jornais publicados entre os anos de 1877 e 1888, cujos exemplares são oriundos do acervo acessível digitalmente na HDB da BNDigital (Sodré, 2007).

Os três periódicos não publicados no livro por Brito e Oliveira (2007), *A Flor: jornal independente, noticioso e literário* (1921, 1933), *A Luz: semanário independente, noticioso e literário* (1951) e *A Reacção: Orgão dos interesses do povo* (1889), apresentam diferente número de edições disponíveis para consulta virtual na HDB. Entre estes três, o periódico do século 19 apresenta uma edição acessível; o periódico da segunda metade do século 20 apresenta três edições disponíveis; o jornal *A Flor: jornal independente, noticioso e literário*, cujas edições disponíveis registram dois anos diferentes, apresenta duas fases, com alteração de projeto gráfico. Este último periódico é referência importante na dissertação “*Me leve sempre ao cinema, vos suplico Santa Emma*”: o cinema e as elites em Feira de Santana (1912-1938) (Sacramento, 2021), da Universidade

⁸ *A Convicção*, 12 jan. 1884, edição 4, p. 3.

⁹ *Echo Feirense*, edição 4, 2 jul. 1878, p. 2.

¹⁰ *A Flor*, edição 1, 17 abr. 1921, p. 3. *A Flor*, edição 16, 7 ago. 1921, p. 4. *A Flor*, edição 17, 18 ago. 1921, p. 4. *A Flor*, edição 19, 30 ago. 1921, p. 4. *A Flor* (nova fase do jornal), edição 2, 24 set. 1933, p. 2.

Federal da Bahia (UFBA), com pesquisa minuciosa em 30 edições disponíveis do periódico para acesso no *site* da HDB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destinada à distribuição gratuita por toda uma comunidade universitária, clubes de serviços, escolas municipais e estaduais, bibliotecas e outros segmentos organizados da sociedade feirense, esta publicação deve ser vista como uma autonarração comunitária. É uma valiosa contribuição para tornar menos vulnerável o presente das memórias (Sodré, 2007, [p. 5]).

A citação anterior, presente na apresentação do livro *Memórias: periódicos feirenses 1877/1888*, organizado por Brito e Oliveira (2007), apresenta parte importante dos argumentos valorativos e promissores a respeito deste trabalho. Com o texto da apresentação do livro, bem como as referências selecionadas integralmente e destacadas ao longo deste texto orientando a escrita deste trabalho, pretende-se contribuir para estimular a descoberta, o acesso, a consulta, a pesquisa e a divulgação do trabalho com periódicos. Consequentemente, a pesquisa em periódicos digitalizados, se já não é uma realidade tão escassa em ambientes prestigiados nacionalmente, ainda pode ser muito mais importante se for estimulada, citada e difundida constantemente, atestadas as potencialidades de acesso ao volume de informações relevantes para estudos, projetos e produções, dentro e fora de instituições de ensino básico, técnico e superior.

Portanto, construído em meses, oriundo de uma palestra e referenciado por estudos anteriores, apresentado inicialmente em comunicação oral numa plataforma de compartilhamento de vídeos (Almeida, 2023) e, posteriormente, transposto e adaptado para artigos no contexto de cada veículo de publicação, este trabalho constitui um incentivo ao potencial de recursos e ações que se tornam cada vez mais necessários para a difusão do conhecimento sobre a(s) realidade(s) que compõe(m) o universo de nossos alcances nos campos da cultura e da educação. Assim, sem descuidar dos campos técnico e científico, estimularemos o reconheci-

mento, a valorização e a articulação de práticas contemporâneas digitais possíveis ao exercício de quem visita, conhece, pesquisa e ensina.

REFERÊNCIAS

A CONVICÇÃO. Feira de Santana: [s. n.], n. 4. 12 jan. 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/826774/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

A FLOR: jornal independente, noticioso e literário. Feira de Santana: [s. n.], [entre 1921 e 1933]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/352152/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ALMEIDA, Cintia Portugal de. **A rua, o poeta e o romantismo**: a produção literária de Sales Barbosa. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2016. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/480>. Acesso em 3 nov. 2023.

ALMEIDA, Danilo Cerqueira. **O escritor João Paraguaçu nas páginas e margens d'O Imparcial: memórias da literatura brasileira**. 2012. Monografia (Especialização em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

ALMEIDA, Danilo Cerqueira. **O resgate da produção literária de João Paraguaçu n'O Imparcial da Bahia**. 2014. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/60>. Acesso em: 13 nov. 2021.

ALMEIDA, Danilo Cerqueira. Notas sobre jornais de Feira de Santana na hemeroteca digital nacional. 8 dez. 2023. *In*: COLÓQUIO DO GELC, 15.; COLÓQUIO DO GPLR, 10.; JORNADA DO GPBIOH, 8., 2023, Feira de Santana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v63NgsxMSnj4>. Acesso em: 23 jan. 2024. Tema do evento: Uma história feminina do Brasil: literatura e afrobrasilidade.

A LUZ: semanário independente, noticioso e literário. Feira de Santana: [s. n.], [195-]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/232807/1>. Acesso em: 12 mar. 2024. Edições 2, 3 e 4.

ALVES, Rodrigo de Sousa. **História e evolução dos jornais de Feira de Santana**. 25 maio 2023. Palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, em Feira de Santana, BA.

A REACÇÃO: órgão dos interesses do povo. Feira de Santana: [s. n.], n. 13, 13 out. 1889. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/822990/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

BRITO, Carlos Alberto Oliveira; OLIVEIRA, Arcenio José (org.). **Memórias: periódicos feirenses 1877/1888**. Feira de Santana, BA: Fundação Senhor dos Passos/Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2007.

CASTELO, Aderaldo. A pesquisa em periódicos na literatura brasileira. *In*: NAPOLI, Roselis Oliveira de. **Lanterna Verde e o modernismo**. São Paulo: IEB/USP, 1970. p. 3-12.

CIDADE DA FEIRA: propriedade de uma associação. Feira de Santana: [s. n.], n. 15, 18 nov. 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/822892/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

CORREIO DA FEIRA: órgão do Partido Conservador. Feira de Santana: [s. n.], n. 25, 8 jan. 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/826642/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

CORREIO DE NOTICIAS: neutralidade política. Feira de Santana: [s. n.], n. 16, 25 out. 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/826898/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ECHO FEIRENSE: periódico noticioso e litterario. Feira de Santana: [s. n.], n. 4, 2 jul. 1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/820539/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

HEMEROTECA DIGITAL. Brasil. Fundação Biblioteca Nacional. BNDigital. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca Nacional Digital, [200-]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

JORNAL DA FEIRA: publicação diária. Feira de Santana: [s. n.], [1884]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/826820/1>. Acesso em: 12 mar. 2024. Edições 120, 123 e 126. MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Sant'Anna dos Olhos d'Água: resgate da memória cultural-literária de Feira de Santana (1890-1930)**. 1998. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1998. O CAPITULO: jornal satyrico e litterario. Feira de Santana: [s. n.], n. 1, 28 set. 1877.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/817856/1>. Acesso em: 12 mar. 2024.

O MOTOR: órgão dos interesses do commercio, da lavoura e da industria. Feira de Santana: [s. n.], [entre 1877 e 1881]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/817821/1>. Acesso em: 12 mar. 2024. Edições 7, 68 e 225.

O PROGRESSO: periódico noticioso e recreativo. Feira de Santana: [s. n.], 1882. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/756423/1>. Acesso em: 12 mar. 2024. Edições 1 a 12.

O VIGILANTE. Feira de Santana: [s. n.], n. 34, 27 mar. 1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/820431/1>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PINHO, Adeílato Manoel. **Uma história da literatura de jornal**: O Imparcial da Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. 2 volumes. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1862>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SANTOS, Admilson Fagundes dos; SANTANA, Clarisse Bezerra de; AZEVEDO, Cleide Silva de; ALMEIDA, Daniele Portugal de; ALMEIDA, Danilo Cerqueira; LARA, Davi Santana de; PAULO, Denise Nascimento; LIMA, Renilton dos Santos. Análise dos clínicos em jornais feirenses do século XX. **Graduando: entre o ser e o saber**, Feira de Santana, v. 2, n. 2, jan./jun. 2011, p. 35-47. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1uB1BAw1GPg08t4aPvaARLLe7wLvojXw-/view>. Acesso em: 3 jan. 2024.

SACRAMENTO, Beatriz Cafê. **“Me leve sempre ao cinema, vos suplico Santa Emma”**: o cinema e as elites em Feira de Santana (1912-1938). 2021. Dissertação (Mestrado em) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35667>. Acesso em: 5 mar. 2024.

SODRÉ, Nelson Werneck. Apresentação. *Ir*: BRITO, Carlos Alberto Oliveira; OLIVEIRA, Arcenio José (org.). **Memórias**: periódicos feirenses 1877/1888. Feira de Santana, BA: Fundação Senhor dos Passos/Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2007. p. [5].

**RECORDAÇÕES E VOTOS:
MEMÓRIAS AFETIVAS, CULTURAIS,
LITERÁRIAS, POLÍTICAS E RELIGIOSAS
DO POETA FILINTO BASTOS**

- Rita de Cássia Trabuco de Araújo

RESUMO:

O objetivo desse trabalho é apresentar as memórias descritas pelo poeta romântico Filinto Bastos em Recordações e Votos, Conferência por ele escrita, com o intuito de ajudar nos festejos da padroeira da cidade. Seu discurso carregado de significações poéticas, revive lembranças, apresenta nativos e habitantes de vários segmentos da sociedade feirense do período, rememora as necessidades pelas melhorias da amada Feira de Sant'Anna.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Abolicionismo; Poetas; Século XIX.

Quem haverá que, arrebatado pela imaginação, em vôo mais veloz e forte que o da mais pujante aeronave, não tenha percorrido os sítios amados da puerícia, os encantadores jardins da juventude, os páramos sagrados onde repousam, todas as recordações da existência, ora esbatidas pelo sol poente de indizíveis saudades, ora enluaradas pelo brando pallôr de reminiscências incompreendidas?

De mim posso afirmar-vos, meus senhores, que, em todos os estadios de minha vida, no claustro do Seminário de Santa Thereza, sob as arcadas da Academia de S. Paulo, na Faculdade do Recife, como nos logares em que exerci as funções do ministério público ou da magistratura; na cathedra de Professor, ou no retiro do modestíssimo gabinete de estudo; tenho tido sempre uma lembrança,

*como uma nuvem rósea, a pairar sobre minhas cogitações: este pedaço de terra brasileira, onde nasci, onde frui por poucos annos as carícias de meus paes, onde aprendi a amar, com a família, a pátria; onde, graças aos exemplos de uma santa, que me serviu de mãe, tive a felicidade de volver o espírito para a contemplação das grandezas do Eterno; a querida terra natal, cuja branca necrópole me faz palpitar descompassadamente o coração, alanceado por sentimentos que os lábios não exprime.*BASTOS.1917. p.10.

A Conferência escrita por Filinto Bastos, em 1917, foi *realizada no Theatro Sant'Anna*, em benefício dos festejos da padroeira da cidade de Feira de Santana, na Bahia, é carregada de recordações afetivas, acompanhada de uma pequena autobiografia no momento em que apresenta algumas lembranças da sua vida desde tenra idade. Nas suas 54 páginas bem redigidas, retrata as personalidades que conviveram na referida cidade e os locais representativos para o engrandecimento dela e seus principais representantes nas diversas camadas sócio, político, literário e religioso. Também nos instiga para a importância da conservação da memória.

Filinto Justiniano Ferreira Bastos, (1856 –1939) feirense de nascimento e de coração, retrata o romantismo poético na escrita para expressar o profundo amor à cidade, que apesar das suas viagens, trabalhos e compromissos, jamais deixou de visitar, contar e escrever sobre as raras belezas visitadas pelo coração apaixonado e grato a esse “tabuleiro de alecrins.” Das recordações sobre importâncias das personalidades, apresenta seu primeiro professor, o também feirense, Lupério Leolino Pitombo que é reconhecido nas lembranças de Bastos não só como profissional dedicado, mas como um ser humano moldado de bom caráter. Além de extremado cuidado com o aprendizado didático se revelava preocupado com os caminhos religiosos dos alunos, lembrando:

Com que prazer, com que interesse de pai, comunicava às famílias o aproveitamento dos alunos, ou aos domingos e dias santificados, acompanhava os discípulos à velha

matriz, para assistirem à missa, de que era celebrante o respeitável octogenário, o bondoso vigário desta freguesia, o Revm. Padre José Tavares da Silva¹, uma alma repleta de simplicidade e benevolência. BASTOS, 1917. p.12.

Durante todo o seu discurso, Bastos apresenta saudosismo e gratidão diante das pessoas que ele enaltece como parte da sua trajetória profissional. Posteriormente à apresentação de Lupério Leolindo Pitombo, Bastos passa a narrar experiências no período em que fora aluno do Padre Ovídio Alves de São Boaventura² (1842 – 1886), e sobre o padre a quem nutria profunda admiração pelo caráter e benevolência do sacerdote exemplo de religioso a ser seguido. Das realizações institucionais do Padre Ovídio, destacam-se obras de grande relevância para a então Comercial Cidade de Feira de Santana: Montepio dos Artistas Feirense, em 1876; Asilo Nossa Senhora de Lourdes, 1879 e a Filarmônica Vitória, em 1873. Esses são os 3 empreendimentos nas áreas social e religiosa. Outras tantas foram realizadas pelo sacerdote como a Fundação da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco; Escola de Santana; Reconstrução da Matriz e Planejamento de um Aprendizado Agrícola e Libertação dos escravos. Diante de tantas realizações sociais e religiosas não poderia passar em brancas nuvens e sobre ele, Filinto Bastos relembra:

¹ Exerceu o Vicariato de 1865 a 1867, em Feira de Santana

² Ordenou-se em agosto de 1864.

Discreto e fortalecido pela fé e por acendrado amor aos conterrâneos, empregou logo os meios conducentes a transformar os costumes que caracterizavam a atividade da população. Bem sabia elle que seu trabalho seria demorado, erizado de contratempos; mas tinha a certeza de que perseverando no ensino, insistindo dedicação nas prédicas, dando o exemplo de caridosa dedicação ao povo, acabaria este por ceder às instâncias do amigo sincero, e o rebanho

conheceria a voz do solicito pegureiro. BASTOS. 1917.p.13.

Relembra da importância do Asilo Nossa Senhora de Lourdes, onde perpetuou por longas datas as doações bastante significativas, pois a obra cuidava de meninas órfãs que andavam perambulando pela cidade, sendo que a administração financeira não era uma capacidade do padre, que exercia outras atividades com maestria. Sobre o poder de diálogo do religioso é enfatizada que conseguiu convencer alguns dos comerciantes a não abrir seus estabelecimentos aos domingos, para as costumeiras transações. E na oportunidade ressalta também seu amor por Feira e seus habitantes: Havia nesta terra, como ainda hoje existe notável boa vontade para aceitar todos os elementos de um verdadeiro progresso.

Relata com respeito e admiração a vinda de Joaquim dos Remédios Monteiro³ (1827 – 1901), que em 1879 vem para Feira de Santana por aconselhamento do Dr. Antonio José Pereira da Silva Araújo (1853–1900). Remédios Monteiro chega em Feira de Santana para tratar de uma hemoptise. E ao chegar na cidade foi seduzido pela beleza do lugar. E estabelecido na cidade, promoveu melhorias sanitárias com asseio e calçamento das ruas. Bastos nos informa:

³Médico e político inaugurou a Biblioteca Pública Municipal, em 6 de novembro de 1890.

⁴Membro Titular da Academia Imperial de Medicina e empossado no dia 7 de novembro de 1882. Foi presidente da Academia Nacional de Medicina no período de 1897 a 1900.

A pobre e acanhada imprensa local recebeu o seu influxo; e se admiravam todos como aquelle doente podia roubar a seu descanso tanto tempo, elle que aqui só viera buscar allivio a seus males. E sobre que assumptos escrevia! Abolição, instrucção publica, saneamento da cidade, abertura de novas ruas e estradas de comunicação e tanta cousa de progresso que aquelles que, descrentes pela idade ou pelo conhecimento de nossos hábitos de desídia, só encaravam como pharol a rotina, clamavam, movendo tristemente as cabeças: Como tem ilusões! E dizem que é um velho muito lido e viajado! BASTOS. 1917.p 29 e 30

Sem esquecer da afetuosa amizade e respeito pelo jovem e inteligente poeta e tribuno Francisco de Sales Barbosa (1862-1888), desde muito cedo destacou-se nas atividades poéticas e abolicionistas, criou a Aurora Ateniense e seguiu pelo caminho do jornalismo, onde travou luta escabrosa, ardente apaixonada, mas grande e útil. Deixou em diversos jornais rastros fulgurantes de seu belo talento. Relembra:

Impetuoso, veemente, apaixonado, a sua palavra para me servir das frases de uma talentosa escritora contemporânea, a sua palavra passava curvando os espíritos como a ventania passa curvando as grandes arvores. Era o tribuno. Quando fora destas circunstâncias subia à tribuna, revelava-se creador e imaginoso, eloquente e fascinador. Era o poeta. Basta ler as suas *Cavatinas*. BASTOS.1917. p.33 e 34.

Narra um determinado período de 1887, quando ocupara o cargo de Juiz Municipal de Órphãos, recebeu a visita de Salles Barbosa para defender “desgraçado escravo.” Seguindo pela trilha dos filhos e moradores ilustres de Feira de Santana, Bastos faz destacada narração sobre a vivência de Libânio Ferreira de Moraes (1852 -1884). Faleceu muito cedo com aproximadamente 32 anos de idade, longe dos familiares, como Promotor de uma comarca do sertão:

É-me grato lembrar também o nome de um outro jovem feirense, das luctas acadêmicas de 1882, da idade de Salles Barbosa, excellent estudante e valente polemista, Libanio Ferreira de Moraes, o “Balinio”, de “Um par de críticos”, ligeiro opúsculo, de poucas páginas,. BASTOS. 1917, p.35.

Tendo sido Filinto Bastos poeta de uma personalidade muito atenta à necessidade da preservação da memória, buscou na referida Conferência, registrar a apresentação dos moradores da cidade e de outras tantas personalidades de outros locais, porém moradores e benfeitores de Feira de Santana, elaborando assim uma trilha a ser seguida. E ao finalizar o discurso, como religioso, articulador e com o romantismo peculiar, manteve nos anexos desta, a assinatura da esposa, filhos, netos, parentes e amigos que o acompanharam na sua bela trajetória familiar e profissional. E com a especificidade do seu vigor poético despede-se:

Não verão talvez os meus olhos, mas vê-lo-ão muito de vós, sobre esse soberbo planalto salubérrimo, perfumado pelos alecrins, pela angélicas sylvestres, pelas candeias de ramos olorosos, delícia das infatigáveis abelhas; pompeando fascinante deslumbramento, em suas tardes de verão, quando na sége de purpura, entre fulgurações indescritíveis, atirando pelo espaço como um louco e prodigo nababo, as riquezas de pedrarias multicores, se esconde o sol nas quebradas da serra não distante; contemplando a beleza da “magnólia do céu” em poéticas e suaves noites de luar, de inefável poesia: sim, meus senhores, meus olhos talvez não possam contemplar, mas verão muitos, com certeza, altear-se sobre este formoso planalto uma cidade rejuvenescida, movimentada, opulenta, aureolada das luzes da instrução e do saber ostentando as joias que lhe ofertou a natureza e que o amor da pátria, consagrado pela civilização, poliu e aperfeiçoou, para lhe realçar a beleza, esmerando-se em adorná-la carinhosamente, com extraordinária solícitude, como se fizesse à própria “noiva do sol”.

São os meus votos.

- Rita de Cássia Trabuco de Araújo
(GELC/UEFS/IHGFS)
ritatrabuco56@outlook.com

Referências:

ALMEIDA, Oscar Damião de – **Dicionário Personativo, Histórico, Geográfico e Institucional de Feira de Santana** – Feira de Santana / Bahia– Editora Gráfica Nunes Azevedo LTDA - 3ª edição - 2002

BASTOS, Filinto Justiniano Ferreira – **Recordações e Votos** – Bahia - Gráfica Oficinas das “Duas Américas” - Praça Deodoro, 3 - 1917

FERNANDES, Lélia Vitor Fernandes – **Homens Que Fizeram História** – Feira de Santana/ Bahia - Gráfica Grafimort- 2004

CASARÃO DOS OLHOS D'ÁGUA: UMA FARSA HISTÓRICA

- Carlos Alberto Almeida Mello

CASARÃO DA FAMÍLIA PEDRA - Denominado de Casarão dos Olhos D'Água. O encapelado, denominado Santana dos Olhos D'Água, tinha sua medição de mil e quinhentas braças de frente, e de fundos duas mil e seiscentas e setenta braças.

Principia o terreno de um marco de pedra cravado na altura da Lagoa Queimadinha (esta lagoa foi soterrada) que se acha mística, o outro denominado Prato Raso (do prato só tem um caco) até onde nasce o Riacho Cipriano Barbosa, (Avenida Padre José de Anchieta – popularmente denominada de avenida do canal) que divide as terras deste encapelado até fazer barra com o Rio Jacuípe, segue até o marco que existe encravado na estrada que vai para Cachoeira (início da Rua Araújo Pinho), contendo oitocentas braças de frente, tendo os fundos para o dito rio e os três riachos, conforme registro existente na Secretaria da Fazenda e Delegacia Fiscal da Bahia às folhas cinquenta e três do livro nº um.

O Casarão da Família Pedra, conforme documentos jamais fizeram parte das terras da Fazenda Santana dos Olhos D'Água; muito menos fazia limite com a propriedade de Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa ou Brandão. Até o momento, não foi encontrado nenhum documento histórico do município de Feira de Santana, que fizesse referência ao Casarão da Família Pedra.

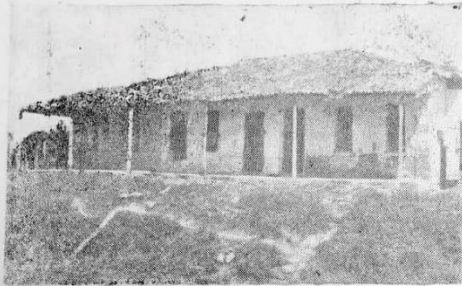
Único documento que se encontra em mãos da família Pedra é sobre um aforamento de terras adquirido pelo Senhor Francisco José da Costa e Almeida, obrigado que foi a pagar anualmente, a título de foro, a quantia de quinze mil reis, em virtude da deliberação em seção ordinária, através da Câmara, em 17 de março de 1887, conforme consta em Ata.

A transcrição deste documento é assinada pelo presidente da Comarca Municipal da Cidade da Feira de Santana, Doutor Joaquim dos Remédios Monteiro, e o secretário Francisco Batista Pedreira, em 20 de abril de 1888 (cópia se encontra anexada à parede no casarão). O cruzeiro em frente ao casarão, o primeiro foi erigido em 14 de setembro de 1912.

O equívoco ou farsa histórica sobre o Casarão da Família Pedra que fica no bairro Areal e não no bairro Olhos D'Água, teve início no ano de 1973, quando da primeira publicação em fotografia no extinto jornal Feira Hoje, para ilustrar matéria jornalística. Portanto não corresponde à verdade que o citado casarão da Rua Araújo Pinho n° 1331, pertenceu a Domingos Barbosa de Araújo e sua esposa.

- Carlos Alberto Almeida Mello
Publicado no Jornal Folha do Norte, Edição Especial de 108 anos
de fundação n° 6.176 – 18 de setembro de 2017.

FEIRA DE SANTANA



Esta é a casa da Fazenda Olhos d'Água de Ana e Domingos

Em torno da capela, criada por Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, nos terrenos das fazendas Olhos d'Água e Boa Vista, começou a surgir uma feira, um entreposto de troca, venda e compra de mercadoria, passagem obrigatória dos vaqueiros e tropeiros que se dirigiam ao Porto de Nossa Senhora do Rêdrio.

Foi a feira-livre até 1838, a principal fonte da economia da Feira. Deste ano até 1860, a Câmara Municipal autorizou a criação dos currais, matadouro, campo do gado, com o nome de Campo da Gameleira.

Em 1830 acontece a primeira grande briga política e razão maior para que se

sua transferência para a Feira de Santana, o seu se deu por Decreto de 13 de novembro de 1832.

Inconformado, Quintiliano Martins da Silva fincou, na frente das suas fazendas Areias e Canavieiras, a chamada pedra ferrada, marcando, no lado da pedra que fica para São José, hoje dis-

cionais: a Independência, a luta pela Abolição e a Sabi-nada.

Do primeiro, através Maria Outeira de Jesus Medeiros, nascida na Serra do Licurizeiro; o segundo, por intermédio da luta incansável do bravo e destemido Lucas da Feira, que não mediu esforços, nem sacrifícios para defender a sua raça; o terceiro liderado por Manoel Pedro Vital, comerciante nesta Cidade que, inclusive, foi nomeado vice-Presidente da República baiana, de efêmera duração.

Já em 1860 a Feira destaca-se também nas produções de fumo, algodão e artesanato popular.

O Município de Feira de Santana, criado em 1832, abrangia uma área de 12.000 km2, tendo sido desmembrado do Município de Cachoeira.

Em 16 de junho de 1873, o Decreto Provincial 1.320, cria a Cidade da Feira de Santana, com o nome de Commercial Cidade da Feira de Santana e, a partir daí, recebe grande incremento no seu desenvolvimento, dirigida pelo presidente do Conselho Muni-

pidio Raimundo da Nova, João Mendes da Costa, Elpidio Raimundo da Nova, Heráclito Dias de Carvalho, Tróculo Bastos de Carvalho, Heráclito Dias de Carvalho, José Berbet Tavares, Eduardo Fróes da Motta, Acioli Vieira de Andrade, Augusto Vital Grass, Carlos Vas-ladares, João Barbosa de Carvalho, Francisco Barbosa Caribó, Aguilinaldo Soares Boaventura, Almachio Alves Boaventura, João Marinho Falcão, Arnold Ferreira da Silva, José Sissnando Lima, Francisco José Pinto dos Santos, Joselito Falcão de Amorim, João Durval Carneiro, Newton da Costa Falcão e José Falcão da Sil-va.

A Feira cresce em todas as dimensões e em todos os sentidos. O seu desenvolvi-



ACERVO: CARLOS MELLO

PROFESSOR DESTACA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA EM SESSÃO PELA COMEMORAÇÃO AO 184º ANIVERSÁRIO DE FEIRA

- Publicado no site oficial da Prefeitura Municipal de Feira de Santana. 19/9/2017, 8:46h | Fotos: Washington Neri

No dia 18 de setembro de 2017, recebi o honroso convite de como orador oficial, proferir uma palestra na Câmara Municipal de Vereadores de Feira de Santana, em homenagem ao aniversário de emancipação política de Feira de Santana. Foram momentos muito especiais em que como vindo de uma família tradicionalmente feirense, pude e posso continuar contribuindo para o engrandecimento de minha terra. Assim, deixo registrado abaixo a matéria na íntegra publicada pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana, Bahia, Brasil.

“Uma cidade sem memória é uma cidade sem história, sem raízes, onde qualquer um vem e suga o que tiver de melhor e vai embora, onde os cidadãos vivem individualmente, sem se preocupar com o lugar onde vive e com o outro”. Assim concluiu o professor e fotógrafo José Angelo Leite Pinto ao encerrar a palestra proferida durante a sessão solene, realizada na Câmara Municipal de Vereadores, na tarde desta segunda-feira, 18, em comemoração ao aniversário de Feira de Santana.

Com o tema “A Preservação da Memória como Identidade Individual e Coletiva”, Angelo Pinto observou que quase todos os patrimônios arquitetônicos existentes na cidade pertencem ao Município, a Arquidiocese ou entidades locais, citando como exemplos: o Paço Municipal Maria Quitéria, sede da Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, o Arquivo Público Municipal, o Mercado de Arte Popular, o Casarão Fróes da Motta, a Sociedade Filarmônica 25 de Março, entre outros.

Conforme sublinhou, ao longo das últimas décadas, muito da memória arquitetônica da cidade desapareceu. “Este fenômeno é resultado da falta de sentimento numa origem comum que une distintos indivíduos, do individualismo, ganância, egoísmo e até mesmo dessa cultura em que o velho deve ser sempre descartado e substituído pelo novo”, considerou.

Contudo Angelo Pinto destacou a “preocupação” da Prefeitura Municipal com o patrimônio histórico da cidade. “Percebe-se ideias e projetos da Administração Municipal, a preocupação pelo crescimento, organização e melhorias da nossa cidade, sem que se perca sua identidade”, afirmou.

Ainda durante a palestra, o professor falou do crescimento da cidade e das pessoas, que contribuíram para o seu desenvolvimento. “Hoje quando comemoramos seus 184 anos de emancipação política, devemos lembrar todos aqueles que deram seus esforços, suor, trabalho e dedicação para torná-la cada vez maior e melhor, mas devemos também nos preocupar em preservar o que ainda restou dessa história”, disse.

Angelo Pinto também apontou ainda que são os próprios habitantes quem faz a cidade e a conscientização de cada um é fundamental para sua preservação. “Tratar bem a memória não é somente vislumbrar uma peça antiga, mas é dar luz ao obscuro mundo da história perdida; é dar ao cidadão a chance de se identificar com o lugar onde mora; é tornar o seu povo muito mais politizado e comprometido, seguros de si e unidos por um propósito em comum”.

Para abrilhantar ainda mais a sessão, duas alunas da rede pública municipal de ensino, que participam do projeto “Música na Escola”, se apresentaram para o público.

Além do prefeito José Ronaldo de Carvalho, também compuseram a mesa na sessão do “Dia da Cidade”, o procurador do município, Cleudson Almeida, o Arcebispo Dom Zanoní Demettino Castro, os deputados Ângelo Almeida e José de Arimateia. Ainda presentes, secretários municipais.



*O professor José Angelo Leite Pinto proferindo a palestra
na Câmara de Vereadores de Feira de Santana*

A RESISTÊNCIA CULTURAL NAS RAÍZES NORDESTINAS E NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

- **Maria José Negrão dos Santos**

Temos várias vertentes, quando falamos na Resistência Cultural nas Raízes do Nordeste dentro da Literatura Contemporânea. Em especial aqui na Bahia, vivendo junto às nossas tradições desde a infância até aos dias de hoje, integrando-nos em vários movimentos culturais em nossa região.

Acompanhando a efervescência do nosso povo, que tem nas suas veias o pulsar cultural, assegurando as suas raízes além do seu imaginário. Mesmo com a evolução tecnológica que muitas das vezes nos facilitam em alguns aspectos as apresentações, as nossas raízes tradicionais resistem há décadas até à nossa época, em virtude desses movimentos culturais, que resgatam essas originalidades!

As nossas tradições seculares, que são transferidas de geração a geração, intensificando mais ainda a necessidade de mantermos os registros junto as letras e nas artes, faladas ou visuais, sem contarmos os meios atuais de comunicação a nosso favor. Porém, algo nos preocupa! As gerações das décadas de 90 para cá não têm muitos incentivos familiares, para conduzir as tradições deixadas por nossos ancestrais, em virtude do tempo.

Sobretudo, temos uma literatura riquíssima introduzida através das letras e das artes, na música, no repentismo, na literatura do cordel, no samba de roda, no bumba-meu-boi, nas festas dos vaqueiros, estes com os seus aboios, as almas de madrugada, folia de reis, exposições em geral e outras, resistem ao tempo da modernidade com muito sacrifício.

Os costumes deixados por nossos ancestrais a cada dia estão se modificando, porém, resistindo à evolução dos tempos. Dantes encontra-

vamos em cada feirinha ou em praças, sanfoneiros ou as duplas de repentistas, cantando ao som do pandeiro, vaqueiros com seus aboios e uma multidão ao redor para aplaudi-los. Hoje é raríssimo acontecer, em virtude dos desgastes que nós estamos vivendo, mas, mesmo com tudo isso resistimos. Uma vez que as pessoas se acomodaram em frente a uma televisão, celulares ou CDs, DVDs, pen-drives o que lhes são mais cômodos.

Muito preocupante, porém os Nordestinos são um dos povos mais otimistas, criativos, conservadores culturais; um dos povos mais alegres existentes no globo terrestre. Inovam as apresentações, não deixando morrer os valores e princípios, que introduzem nos movimentos populares, sejam eles alternativos o melhor que existem em suas origens. Assim sendo, vamos falar agora de uma cultura centenária do Nordeste brasileiro, onde portugueses e indígenas transformaram a necessidade da imagem personificada do vaqueiro, que faz uso de uma indumentária apropriada feita de couro e composta por vários acessórios.

Dando visibilidade de forma a parecer com um daqueles cavaleiros medievais, quem sabe um (Dom Quixote de La Mancha). O vaqueiro é o centro de uma propriedade rural, seu trabalho é árduo e contínuo, passa a maior parte do tempo montado a cavalo, percorrendo a fazenda, fiscalizando as pastagens, as cercas e as aguadas na zona rural. Cabe a ele a condução dos animais onde interage o homem e gado através do seu canto poético intitulado de “aboio”. Através dessa musicalidade reúne todos os animais e estes lhe seguem em forma a bailar no mesmo ritmo, conduzidos ao som daquela melodia. O aboio não é precisamente só para tocar o gado, é também a orientação de como localizar um companheiro, que se perde numa serra ou se extravia numa caatinga.

O aboio é um canto de origem árabe, surgiu nos campos do deserto, na atual região do Oriente Médio por volta do Século XI ou A.C. Aqui no Brasil aconteceram as grandes inovações dentro desta musicalidade, que se tornou uma cultura do povo nordestino. Não sabemos a data certa dessa introdução no nordeste brasileiro! Mas baseiam-se sobretudo na época do Brasil Colônia, onde os primeiros fazendeiros europeus surgiram nesta região e com a necessidade de se comunicar com os animais implantou

esse costume na caatinga fechada, fundindo a cultura portuguesa com a indígena, criando naquele habitat as melodias momentâneas, para melhor comunicação. Esta cultura não é ensinada nas escolas, é passada de pai para filho, de avô para netos e assim resistiu ao tempo com uma literatura verbal; sendo o mais significativo irradiador sociocultural responsável pela criação de um patrimônio ao longo dos anos, ainda não é reconhecido, mesmo assim ultrapassou as fronteiras da tecnologia até a contemporaneidade.

Nesse movimento sertanejo em especial no Nordeste, surgiu na década de 40 um instrumento de sopro chamado de “berrante” feito para compor uma condução e assegurar a cultura de nossa gente, seja na área rural ou urbana, o costume surgiu durante a colonização com os tropeiros, comerciantes de animais, no século XVII. Não sabemos ao certo de onde surgiu o berrante, já que o costume de produzir instrumentos de chifres de animais é presente em várias culturas da África, do Oriente Médio, da Europa Escandinava e da Ásia.

Para absorvermos melhor a nossa resistência cultural, muitos boiadeiros, atualmente, brilham com o seu chamamento poético, cantado em prosas e versos, acompanhado com os variados toques do berrante, instrumento chamado de sertanejo. O mesmo, hoje em dia, faz parte do trabalho no campo e as apresentações nos movimentos culturais urbanos, sejam eles no Nordeste ou em outras regiões do Brasil, dando assim maior ênfase aos costumes e tradições.

Reportagem e fotografia realizadas pela Acadêmica
Maria José Negrão dos Santos “Zezé Negrão”
Escritora, Artista Plástica e Pesquisadora.



*Entrevista com Neto do Berrante da cidade de
Feira de Santana BA Sertão do Nordeste Brasileiro*



Referências:

[Google.com/search?q=o](https://www.google.com/search?q=o)

[Google.com/search?q=on](https://www.google.com/search?q=on)

1º BATALHÃO DE ENSINO, INSTRUÇÃO E CAPACITAÇÃO BATALHÃO HISTÓRICO DA PMBA

- **Major PM Francisco José Moreira do Santos**

Em 27 de outubro de 1891, a Lei Estadual, número 05, transforma o Antigo Corpo de Polícia em um regimento militar composto por duas unidades. A lei, publicada na Ordem do Dia, em 23 de janeiro de 1892, dá vida real a esta Unidade Militar, determinando que poderiam ser comandadas por majores. Surge nesse instante o 1º Batalhão de Polícia Militar com a denominação de 1º Corpo de Regimento Policial, formado por quatro Companhias e com sede no Quartel da Mouraria, na capital baiana, sendo posteriormente transferido (em 27 de novembro de 1894) para o Quartel dos Aflitos, atual sede do Comando Geral da Corporação; onde ficou até o ano de 1935, quando seria transferido para a Vila Militar do Bonfim, onde permaneceria até sua definitiva instalação na cidade de Feira de Santana, em 1957.

Bem antes da instalação do Batalhão em Feira de Santana, em 1829, um movimento de moradores do povoado já havia reivindicado ao Imperador Dom Pedro I, a emancipação política e a construção de uma “casa-forte”, denominação dada à cadeia pública, já que não havia local para recolhimento dos presos naquela época e muitos dos presos, abrigados numa casa alugada, fugiam. Sendo necessário que os presos mais perigosos fossem levados para a cidade de Cachoeira. Somente em 1860, após três décadas de emancipação é que aquela foi construída com recursos da província, sendo localizada na Rua Sales Barbosa e funcionando também como quartel do destacamento policial. Em 1930, uma segunda cadeia pública foi erigida com recursos municipais, na Rua Visconde do Rio Branco, onde hoje se encontra a Câmara de Vereadores.

Em 1º de agosto de 1893, a Força Pública foi redistribuída. O Comandante do Corpo de Polícia, Coronel Joaquim Maurício Ferreira, diante da resolução do Presidente da Província, dividiu o estado em destacamentos policiais, que seriam responsáveis por setores denominados Distritos. Feira de Santana passou a integrar o 3º Distrito, como um Grupamento de 85 policiais militares, sob comando de um Sargento.

O Comandante de Distrito era cargo de extrema confiança do Governo, sendo responsável por percorrer as localidades, mantendo a disciplina, reunindo-se como autoridades judiciárias e policiais, organizando captura de criminosos, mantendo a ordem pública e envolvendo-se em questões de economia.

Com o 1º Batalhão de Polícia ainda sediado em Salvador, havia grande dificuldade no gerenciamento do efetivo e em proporcionar segurança pública efetiva, visto a grande extensão e o crescimento da região de Feira de Santana, que desde a década de trinta havia se tornado um grande centro desenvolvimentista, com energia elétrica, água encanada, ruas asfaltadas, colégios e a construção da BR 324 (Rio - Bahia), entrando a década de 50 como o maior entroncamento rodoviário do Norte/Nordeste.

Dessa forma, através do Decreto nº 16.640, de 07 de novembro de 1956, ficou determinado a transferência do Batalhão para Feira de Santana, passando a ser responsável pela segurança da cidade e de outras circunvizinhas.

O Major Antídio de Oliveira Matos, oficial experiente, tendo integrado diversas “volantes” na busca do cangaceiro Lampião, portanto conhecedor da região foi designado Comandante interino do Batalhão. E a 18 de novembro de 1956, na Praça da Matriz, se deu a instalação do 1º Batalhão de Polícia Militar, em Feira de Santana, no local que anteriormente havia sediado o Hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Em 15 de janeiro de 1968, o batalhão passaria a ser identificado como “Batalhão Maurício Ferreira”.

Desde sua chegada à Feira de Santana, o 1º Batalhão teve a responsabilidade de garantir a segurança do maior entroncamento rodoviário do Norte e Nordeste do País. Em 1977, sua área de atuação era composta de 76 municípios.

Com o aumento da área territorial e o consequente aumento de efetivo, houve a necessidade de transferir a sede da Unidade e, em 11 de outubro de 1984, novas instalações foram entregues pelo Governador João Durval Carneiro, localizada às margens da BR 116, ao lado da Universidade Estadual de Feira de Santana, numa estrutura composta por alojamentos, pavilhões de comando e administrativo, refeitório, salas de aula, oficinas, piscina e campo de futebol, entre outros.

Uma nova Missão: Educar

Através da Lei nº 11.356, de 09 de janeiro de 2009, assinada pelo Governador Jaques Wagner, o 1º Batalhão passou a exercer as funções relacionadas ao ensino, devido à necessidade de ampliação do potencial de formação e preparo de novos policiais militares. Modificando sua denominação para 1º Batalhão de Ensino, Instrução e Capacitação (1º BEIC), passando a ser subordinado ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) da Polícia Militar.

A nova missão atribuída irá abranger desde a realização de cursos internos capacitadores, para ascensão funcional e hierárquica do policial militar da Instituição, bem como os de formação de Soldados (na modalidade presencial), Cabos e Sargentos e de aperfeiçoamento de Sargentos (híbrido). Visando a qualidade constante da educação profissional para garantir o melhor desempenho operacional dos policiais formados e aperfeiçoados em nossos bancos escolares.

JOAQUIM MAURÍCIO FERREIRA O PATRONO DA UNIDADE

Joaquim Maurício Ferreira nasceu na cidade de Cachoeira, no recôncavo baiano. Filho de Manoel Trindade Ferreira e Luíza Ferreira, ambos portugueses. Era casado com D. Adelaide de Castro Ferreira e não deixou descendência.

Ainda Tenente, em 1838, participou das lutas contra o movimento da Sabinada como membro da Companhia de Defensores do Imperador. Promovido ao posto de Major, foi designado em 1857, para comandar o Corpo Provisório de Contingentes de Batalhões da Guarda Nacional. Em 16 de junho de 1863, após prestar juramento, foi nomeado Tenente-coronel.

Em 23 de janeiro de 1864, comandando o Corpo de Polícia, seguiu como voluntário para luta na guerra contra o Paraguai, com o efetivo de 477, sendo incorporado ao 10º Corpo de Voluntários da Pátria, integrando a 8ª Brigada, tendo como comandante o Tenente-coronel José Baltazar da Silveira. Prestando relevantes serviços na passagem do Rio Paraná, sendo ferido na mão esquerda na batalha do dia 24 de maio de 1866. Em consequência foi reformado em 1º de maio de 1867, mas a aposentadoria teve que ser adiada, permanecendo ele no comando de suas tropas. Em 1869, os brasileiros finalmente entram em Assunção. Em março de 1870, morre Solano Lopez em Cerro Corá, finalizando assim a Guerra.

O Corpo de Polícia cumprira a sua missão de defesa da Pátria, em data de 11 de maio de 1870, são recebidos na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, sob aplausos e uma estrondosa recepção da Corte Imperial. Dos 477 policiais voluntários da missão, apenas 77 retornaram à Bahia, entre eles o comandante Joaquim Maurício Ferreira, 6 sargentos, 18 cabos, 10 músicos, 40 soldados e 3 corneteiros (todos os oficiais morreram nos combates).

Em 1881, recebe do Presidente da Província o seguinte elogio, “Oficial muito distinto e recomendável pelos seus serviços de paz e de guerra, pelo zelo e, lealdade e dedicação...” O Coronel Joaquim Maurício Ferreira exerceu por duas vezes o Comando Geral da Corporação, entre 1863 a 1865 e entre 1870 a 1886. Faleceu na cidade de Itaparica, em 26 de junho de 1893.



MÁQUINAS QUE APRENDEM

- **Geraldo Leite**

“Machine Learning” é um subproduto da inteligência artificial. Inteligência artificial é um termo genérico, que engloba sistemas capazes de imitar a inteligência humana.

A inteligência artificial e a "machine learning" andam juntas. Elas interagem entre si, mas não são a mesma coisa. Toda "machine learning" é inteligência artificial, mas nem toda inteligência artificial é "machine learning". Quando usamos aplicativos bancários, realizamos compras "on line" ou utilizamos mídias sociais, os algoritmos da “machine learning” entram em ação, tornando o trabalho mais eficiente, mais fácil e seguro. Para executar suas tarefas a "machine learning" usa algoritmos.

Os principais tipos de algoritmos são o supervisionado e o não supervisionado.

O primeiro é o mais frequente. Nele os algoritmos são treinados pelo ser humano. No segundo, a "machine learning" utiliza uma abordagem na qual o computador aprende a identificar processos e padrões complexos sem a interferência do ser humano.

A escolha entre supervisionado e não supervisionado depende da estrutura e do volume dos dados.

Há também a abordagem semi-supervisionada, a abordagem por reforço e a chamada "deep learning".

Esta última é uma abordagem que utiliza algoritmos de alto nível, capazes de imitar a rede neural do cérebro humano. Sua principal aplicação é no reconhecimento de objetos, imagens e vídeos.

Na portaria de condomínios há equipamentos de abordagem profunda. Este tipo de abordagem também é utilizado na Medicina, na análise de dados financeiros e no estudo das tendências do mercado.

- **Geraldo Leite**
médico, escritor, ex-reitor da UEFS

NECROLÓGIOS

JORGE ANTÔNIO DE ARAÚJO CAZUMBÁ

- **Lélia Vitor Fernandes de Oliveira**



Nasceu em São Gonçalo dos Campos/BA, no dia 16 de setembro de 1948, filho de Jorge Cazumbá e Anita de Araújo Cazumbá.

Na sua trajetória acadêmica cursou Letras Vernáculas da 1ª turma da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; Bacharelou-se em Direito, pela Universidade Católica de Salvador – UCSAL, concluindo em 1994.

Exerceu os seguintes cargos públicos: Diretor do Colégio Agripina de Lima Pedreira, no município de São Gonçalo dos Campos/BA, no governo do Prefeito José Carlos Lacerda, em 1975. Em Feira de Santana, foi nomeado Chefe de Gabinete do Prefeito de Feira de Santana, Prof. José Raimundo Pereira de Azevêdo – 1995-1996; nomeado Assessor no Gabinete do Prefeito, José Ronaldo de Carvalho, em 2001; exerceu também outros cargos, tais como: Chefe do Departamento de Produção de Atos do Poder Executivo, Redator Oficial. Nestes cargos exerceu a função de produção de leis, textos oficiais e revisão das publicações do Diário Oficial. Passou também pelas gestões de Dr. Tarcísio Suzart Pimenta Junior e seus últimos dias, no Governo de Dr. Colbert Martins da Silva Filho.

Foi Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, ao longo de vinte anos, nas escolas da Rede Particular, a partir do ano 70: Colégio Super Star, Colégio Anísio Teixeira, Colégio Nobre, no Colégio Estadual Assis Chateaubriand e nos cursinhos pré-vestibulares de Feira de Santana. Proprietário do Curso de Língua Portuguesa e Redação para o Vestibular; Professor de Redação do Curso Pré-Vestibular PhD, em Feira de Santana; criador e apresentador do Quadro “Na Ponta da Língua”, na Rádio Subaé.

Teve os filhos: Vinicius da Conceição Cazumbá, que lhe deu uma neta – Lavínia Macedo Cazumbá e Márcia Cristina da Conceição Calixto, que criou desde os seus quatro anos e que considerava filha do coração.

Faleceu em Salvador, no dia 22 de janeiro de 2024 e seu corpo jaz no Cemitério Jardim Celestial, em Feira de Santana. O Prefeito Dr. Colbert Martins da Silva Filho decretou luto oficial, por ser um funcionário público municipal exemplar e que muito contribuiu para o bom funcionamento, nos departamentos em que trabalhou.

- Lélia Vitor Fernandes de Oliveira, pesquisadora.

MÁRIO GOMES MOREIRA

- **Lélia Vitor Fernandes de Oliveira**



Nasceu em Feira de Santana, no dia 06 de junho de 1934. Filho de Lídio Barros Moreira e Vestina Gomes Moreira.

Viveu sua infância na antiga Rua de Aurora, do que guardava muitas recordações dos seus moradores, das brincadeiras, do campo de futebol, etc.

Estudou suas primeiras letras na Escola João Florêncio, onde hoje funciona o Arquivo Público Municipal. Depois foi para o Colégio Santanópolis, concluindo o ginásio e posteriormente o curso de Contabilidade, em 1953.

Aos dez anos já trabalhava com seu pai na loja de tecidos “Loja Barros”. Com doze anos perdeu o pai e foi trabalhar numa loja de tecidos de propriedade do Sr. Ezichio Dantas Carneiro, pai do ex-deputado Jairo Carneiro. Depois, já tendo adquirido experiência no ramo, foi convidado pelo Sr. Nicolau Sarkis, para trabalhar na “Casa Sarkis”, a chamada “Casa Verde”.

Em 1954, foi para Ubatã/BA, a convite de Aldo Azevedo, que possuía uma loja de cacau e trabalhou com ele apenas 14 dias, porque foi nomeado para o cargo de tesoureiro do município, onde permaneceu durante três anos. Foi exonerado por ter se incompatibilizado com o sistema político,

no dia 05 de novembro de 1957. No outro dia, foi convidado para exercer o cargo de Escriturário da CERC (Central Elétrica do Rio de Contas), que hoje é a COELBA. Em 1959, transferiu-se para a cidade de Ilhéus, para servir à mesma Companhia.

Em 1961, fez vestibular para Direito, na Faculdade de Direito de Ilhéus, hoje Universidade de Santa Cruz, concluindo em 1965.

Ao terminar o curso abandonou tudo e veio para Feira de Santana, como diz o provérbio “o bom filho volta à casa paterna”.

Logo que retornou foi trabalhar com os colegas: Dr. Jorge Leal e Dr. Fernando Pinto de Queiroz, dois dos mais competentes nesta área, com quem aprendeu muita coisa, ou seja, tratar com dignidade as pessoas, trilhar pelo caminho da honestidade, não lesar ninguém, ser justo com as causas abraçadas, enfim tudo de bom que a pessoa almeja possuir.

Teve também o apoio de Dr. Raymundo Pinto, presidente do Tribunal de Trabalho, de Dr^a Marama Carneiro, Desembargadora, os quais compartilharam do mesmo escritório.

Seu campo de ação era com causas cíveis e direitos de família e sucessões.

Em 1967, Dr. João Durval Carneiro, prefeito na época, nomeou-o como Vice-Diretor do Colégio Municipal Joselito Amorim, permanecendo até 1973.

Lecionou no Colégio Santanópolis, no turno noturno as disciplinas: Direito Usual, Economia Política e O.S.P.B. (Organização Social e Política Brasileira).

Foi Consultor Jurídico da Santa Casa de Misericórdia, Presidente do Fluminense, Consultor Jurídico da Associação Comercial, Consultor Jurídico do Clube de Campo Cajueiro e do Feira Tênis Clube.

Na política, por influência de Dr. Wilson Falcão foi candidato a Vereador e conseguiu se eleger, na época em que não havia remuneração para o cargo (1973 a 1977).

Casou-se com a Prof.^a Magali Ribeiro Moreira, Supervisora de Educação, com quem teve dois filhos: Daniel (engenheiro químico e Wilma (médica).

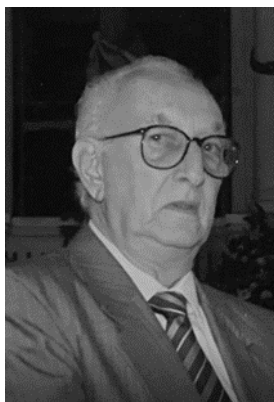
Exerceu a profissão como advogado, dividindo o escritório com Dr. Antônio Navarro Silva.

Recebeu a Medalha Vereador Dival Figueredo Machado, no dia 05 de novembro de 2004, em comemoração ao “Dia Nacional do Vereador”, outorgada pela Câmara de Vereadores de Feira de Santana.

Faleceu, no dia 21 de novembro de 2022.

- Lélia Vitor Fernandes de Oliveira, pesquisadora.

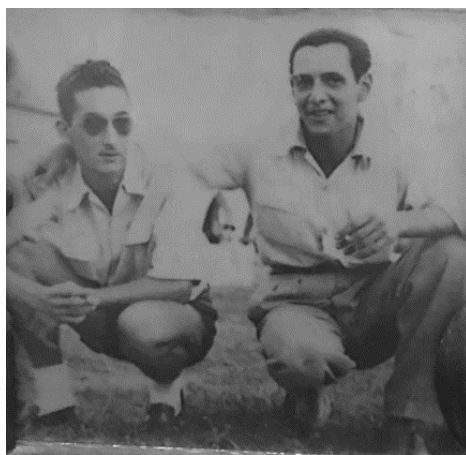
BERNARDINO DE CARVALHO BAHIA – “PIPIU”



Nascido em Feira de Santana no dia 08 de dezembro de 1932, no imóvel situado na Av. Senhor dos Passos, onde depois foi instalada a Casa de Saúde Santana. Descendente de Carlos Arthur Rubinos Bahia (Carlito) e Maria da Glória Carvalho Bahia (Glorinha), neto de Bernardino da Silva Bahia e de Luísa Rubiños Bahia, pelo lado paterno, e de João Barbosa de Carvalho e Maria das Mercês Freitas de Carvalho, pelo ramo materno. Teve apenas um irmão, Luís Carlos de Carvalho Bahia.



Glorinha e Carlito



Pipiu e Luiz

Fez seus primeiros estudos na escola particular da professora Helena de Sena Assis, de quem recebeu ensinamentos na área de educação formal e noções de cidadania, que ele soube desenvolver ao longo dos anos. Concluiu o primeiro e segundo graus no Colégio Santanópolis, onde adquiriu a cultura humanista que o diferenciava.

Desde pequeno dedicou-se ao esporte da caça, o que lhe fez exímio atirador e vencedor em torneios do Tiro de Guerra, do Clube Baiano de Tênis, entre outros campeonatos no Estado.

Seguindo a tradição da família, tornou-se pecuarista, assumindo a direção da Fazenda Paus Altos no município de Antônio Cardoso, ali desenvolvendo a criação de gado leiteiro, posteriormente de gado Santa Gertrudes, como um dos pioneiros da Região, e depois de nelore, com participação nas Exposições de Gado, com reconhecimento nas premiações.

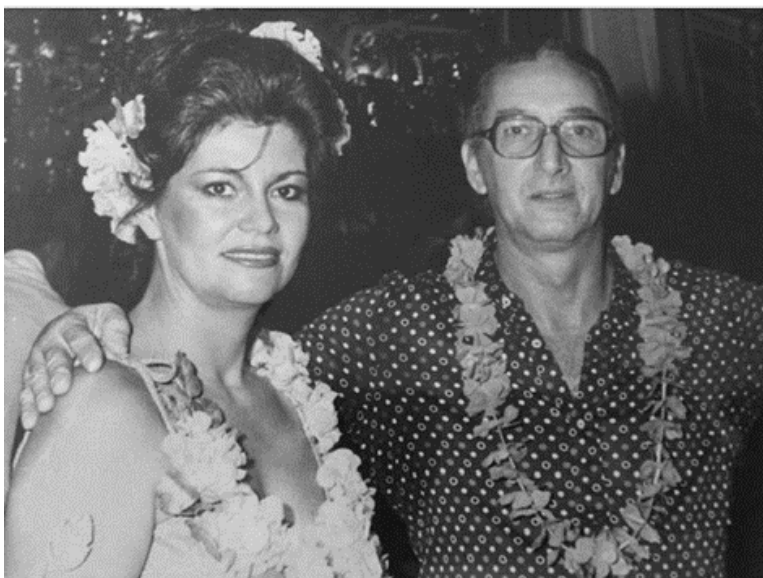


Liége, Ada, Pipiu e Carlito na Fazenda Paus Altos

Durante anos fez parte do comércio. Ainda na década de 1950, com uma leiteria na Rua do Feira Tênis Clube, posteriormente já nos idos de 1960, com outra mais moderna, com resfriamento, na Av. Getúlio Vargas e, por fim, participou da fundação e gerência da Indústria ALIMBA.

Por cerca de 50 anos seus carros entregaram leite em Salvador e em Feira, de porta em porta nas residências, hotéis, hospitais, etc., tornando o leite dos Paus Altos um símbolo para várias gerações cujas famílias só confiavam na qualidade do produto, se a origem fosse da fazenda de Sr. Pipiu, como era carinhosamente conhecido de todos. Já nos anos 1970 foi um dos proprietários do Supermercado Big Feira, localizado à Rua J. J. Seabra.

Sempre disposto a servir a sua terra natal, foi Secretário de Desenvolvimento e Obras Públicas na gestão do Prefeito Joselito Falcão de Amorim. Nesta época destacou-se pela visão de modernidade, levando calçamento a várias ruas, construindo o Mercado do Distrito de Bonfim de Feira, fazendo uma praia artificial na lagoa de São José, para que os Feirenses tivessem oportunidade de lazer, etc.



Ada e Pipiu no Clube de Campo Cajueiro

Sócio fundador dos clubes da cidade, Feira Tênis Clube e Clube de Campo Cajueiro, foi assíduo frequentador juntamente com a família, prestigiando os eventos da sociedade com sua presença e dela recebendo demonstrações de apreço e amizade ao longo de toda a vida.

Participou ativamente dos movimentos políticos sem, contudo, concorrer a cargos eletivos. Foi amigo de grandes vultos da política local e nacional, como Carlos Lacerda, Rui Santos e Juracy Magalhães, que vinham a Feira às vezes para descansar das campanhas, outras para discutir planos de governo ou, apenas, para tratar de estratégias políticas com ele.

Muito atento às ações filantrópicas, fez parte dos Irmãos da Santa Casa de Misericórdia, contribuindo voluntariamente em campanhas para a revitalização do Hospital D. Pedro de Alcântara, o mais antigo e tradicional da cidade. Embora não fosse religioso praticante, seguiu como ninguém os princípios Cristãos. Fazer o bem anonimamente talvez tenha sido sua marca mais relevante.

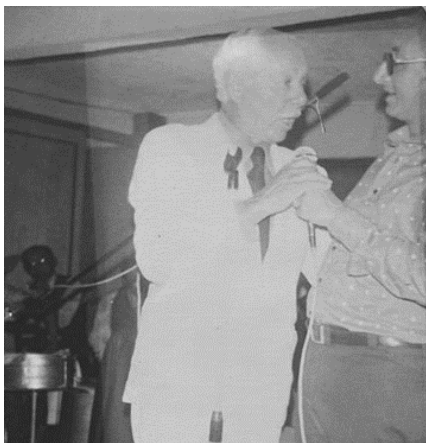
Contador de casos e piadas, fez uma legião de amigos, a quem dedicava sempre um gesto de carinho, muitas vezes contando passagens de suas vidas com humor e autenticidade. Reuniu alguns desses casos pitorescos e publicou o livro intitulado, "A Feira dos Meus Tempos", que conta também com alguns depoimentos de amigos a seu respeito.

Da Prefeitura de Feira de Santana recebeu a Comenda Municipal, em reconhecimento aos seus méritos de homem de bem, de caráter ilibado e de cidadão feirense honrado e preocupado com o engrandecimento da Cidade.

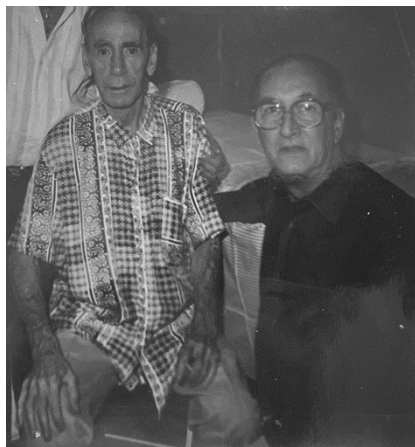
Neto do ex-prefeito Bernardino Bahia e da Sra. Luísa Rubinos Bahia, do avô herdou o nome e o apelido Pipiu, e da avó, espanhola, a bela voz e o vasto repertório musical em Castelhana.

Ainda jovem conheceu Francisco Alves - o Rei da Voz, que ao ouvi-lo cantar, tentou levar para seguir carreira no Rio de Janeiro, mas nada afastava ele da Família e da Terra Natal. Depois conheceu Orlando Silva, Silvio Caldas, Nelson Gonçalves, Dorival Caymmi e outros grandes

artistas de sua época, tendo com cada um deles histórias de apresentações conjuntas, trocas musicais e várias memórias agradáveis.



*Com Silvio Caldas no Quiosque de Janaina, em Salvador
Com Nelson Gonçalves no Feira Tênis Clube*



Com Gregório Barrios, na Euterpe Feirense

Com o cantor espanhol Gregório Barrios, a quem conheceu em 1950 aos 18 anos, quando foi assistir a Copa do Mundo no Maracanã, tornou-se fraterno amigo até seu falecimento, numa convivência que permitiu trazer o ícone dos boleros diversas vezes à Bahia e a Feira. Em muitas oportunidades hospedou Gregório Barrios em casa e na Fazenda, reunindo

amigos que escutaram do grande interprete: “as vezes deixo de cantar para ouvir o Pipiu”, numa demonstração de generosidade que marcava a amizade existente entre ambos.

Apresentou-se publicamente pela primeira vez aos onze anos de idade no Ginásio Santanópolis, cantando a música “Culpe-me”, do compositor Herivelto Martins, mas acompanhado do natural nervosismo, esqueceu a letra e não passou da primeira estrofe, fato que o acompanhou por toda a longa jornada de cantor amador, sempre contado com graça e saudade daquela alvorada lírica.

Nunca se apresentou profissionalmente, mas na juventude cantou durante um ano inteiro na Rádio Sociedade de Feira de Santana, acompanhado do amigo pianista Josué Nonato, músico de profissão que tinha naquelas exibições oportunidade de renda.



Com Josué Nonato, na Rádio Sociedade



Se apresentando em Viena - Áustria

Incentivador das serestas e assíduo frequentador em sua cidade, viajou pelo Brasil e diversos países com a esposa Ada, sempre cantando. Cantou na Grécia, Áustria, França, Itália, Espanha, Argentina, e onde surgisse uma oportunidade, ele fazia com o prazer de quem faz o que gosta.

Em 1995, atendendo aos pedidos da família e dos amigos, gravou um CD de Seresta, com 20 músicas que, embora não fosse comercial, fez grande sucesso. No ano 2000, pelos mesmos motivos, voltou a gravar, desta vez, Boleros e, em 2013, gravou com o neto Bernardo ao violão um novo CD de músicas românticas.

Casou-se em 1959, com Ada Maria Mascarenhas Bahia, numa convivência de 65 anos que durou até sua morte em 2023, aos 90 anos, e sua descendência composta de dois filhos: Carlos Artur Rubinos Bahia

Neto (Carlito), Liége Mascarenhas Bahia e três netos, Carla, Bernardo e Maria Antônia, seguem seus exemplos e usa o seu sobrenome com muito orgulho.

- **Carlos Artur Rubinos Bahia Neto**, filho do biografado, Advogado

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vencendo mais uma etapa de publicação de nossa Revista, com muita expectativa de uma edição de sucesso, de compro-metimento com os leitores e colaboradores. Esta Revista, muito especial para o IHGFS, no ano de comemoração de seus vinte anos de fundação.

Realizamos muitos encontros e palestras com os confrades e congreiras, palestrantes e convidados, além da publicação do Boletim Informativo, que é editado a cada quatro meses.

O desfile do “Dois de Julho”, foi realizado, no distrito de Maria Quitéria. Desfile este de grande importância cultural e histórica para o nosso Município e também para o Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, idealizado pelo saudoso Professor Moreira (falecido em 21 de maio de 2021). Uma grande homenagem à heroína feirense, Maria Quitéria de Jesus. Este foi o primeiro desfile realizado depois da pandemia do Corona Vírus. Em 2022, não aconteceu o desfile. Contamos com a presença de diversas autoridades: Dr. Colbert Martins da Silva Filho, o Prefeito da cidade; Dom Zanoni Demetino de Castro, o Arcebispo Metropolitano; Ten. Cel. Cristiano Garcia Guedes, Comandante do 35º B.I., entre outros.

Este desfile contou com a participação da Marinha do Brasil, Exército Brasileiro (35º B. I.), Aeronáutica, Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros.

O ano acadêmico foi iniciado em março, com uma palestra do nosso Vice-presidente, José Angelo Leite Pinto, com o tema: “A importância da fotografia como ferramenta de preservação da História”.

Em abril, aconteceu a palestra do Diretor do Museu Casa do Sertão, o Sr.Cristiano Silva Cardoso, com o tema: “ O Museu Casa do Sertão e a sua contribuição para a cultura de Feira de Santana”.

Maior, foi a vez do confrade Rodrigo de Souza Alves com o tema: “ História e evolução dos jornais de Feira de Santana”.

Junho, o Sr. Carlos Alberto Oliveira Brito, Secretário Municipal de Planejamento, comentou sobre “As novas vias de urbanização de Feira de Santana”.

Julho, o confrade Carlos Alberto Almeida Mello versou sobre “A Igreja Senhor dos Passos 171 anos de devoção”.

Agosto, nossas atenções foram voltadas para o confrade e orador oficial do IHGFS, Franklin Machado, comentar sobre os vinte anos de fundação do IHGFS, sendo ele um dos fundadores. Também foi criada uma pequena Medalha em comemoração a esta data. A palestra ficou por conta do nosso confrade e Professor Fábio Nunes, com o tema: “Curiosidades históricas sobre Feira de Santana”.

Setembro, tivemos como palestrante o Sr. Hugo da Cruz Dórea, com o tema: “Um breve relato do Rotary Club de Feira de Santana – 82 anos de serviços”.

Outubro recebemos a visita do presidente do IGHBA (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia), o Dr. Joaci Fonseca Góes, que abordou sobre: “O Centenário da sede do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia”. Também foi lançada uma Medalha de Mérito Histórico Professora Iany Brasileiro (homenagem a uma das fundadoras do IHGFS, falecida em 03 de agosto de 2022).

Novembro, o palestrante foi o Sr. João Dias, com o tema: “A ONG FEIRA LIVRE e a História de Ipuacu”. Lançamento da Revista de nº 19.

Dezembro, final de mais um ano. Fizemos a confraternização e tivemos comentários feitos pelo confrade e fundador do IHGFS, Francisco Otávio Lima Ferreira, sobre a fundação do IHGFS e de momentos culturais e históricos de Feira de Santana. Também a confreira Rita Trabuco lançou o livro dos pesquisadores do CELC da UEFS.

“O correr da vida embrulhado. A vida é assim, esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem...” (Guimarães Rosa).

Liacélia Pires Leal - presidente do IHGFS

RECOMENDAÇÕES PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA DO IHGFS

A Revista do IHGFS – Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana é uma publicação anual, que visa divulgar e disseminar assuntos das Ciências, História e Geografia, principalmente de Feira de Santana e sua macrorregião, além de promover cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico. Os trabalhos enviados para publicação deverão ser submetidos à Comissão de Publicação da Revista, para análise da viabilidade de publicação.

Antes de remeter o texto, observe:

1. Escreva naturalmente sem a preocupação de formatar o texto, tal como contar espaços, etc. Esta tarefa é de responsabilidade do diagramador.
2. Evite assuntos que envolvam política, religião ou temas outros, que possam gerar polêmicas.
3. Use o programa WORD, fonte: Calibri, Arial ou Times New Roman, tamanho 12, espaço entre as linhas 1,5 ou 1,50.
4. Evite escrever mais de 8 laudas, lembrando-se que precisamos ceder espaço, para os que querem colaborar. Trabalhos maiores que isto deverão ser submetidos à Comissão. No tocante a biografias, as mesmas regras, sendo o máximo de 4 laudas, acompanhadas da foto do biografado.
5. Após revisá-lo, encaminhe o trabalho através de e-mail ou pen drive. Remeta junto as figuras que quer incluir (pedimos fotos ou gravuras de boa resolução). Lembramos ainda, que o texto é de responsabilidade de quem o escreve. Ao diagramador caberá, apenas, mudar a formatação básica como tipo de letra, tamanho, etc. sem alterar a redação do trabalho, sejam palavras, pontuação ou coisas da espécie. Siglas devem ser evitadas. Se colocá-las tenha o cuidado de explicá-las. Exemplo: ABL – Academia Brasileira de Letras.

6. Os textos digitalizados, em forma de arquivos, deverão ser enviados para a Diretoria de Publicações, contendo dados pessoais e pequeno currículo, entre 01 de janeiro e 30 de junho para publicação. Findo o prazo, não mais acataremos novos trabalhos.

7. Os textos publicados não serão remunerados sob nenhum pretexto e os originais, porventura remetidos, não serão devolvidos.

Comissão Editorial



CASARÃO FRÓES DA MOTTA OU VILLA FRÓES DA MOTTA



A antiga residência do coronel e intendente Agostinho Fróes da Motta foi construída em 1902, com base na planta de uma casa que ele viu em sua viagem à Alemanha. Em 1923, seu filho Dr. Eduardo Fróes da Motta passou a residir no imóvel e fez reformas na residência, acrescentando-lhe varanda com belíssimas pinturas à óleo de paisagens em suas paredes. O Casarão Fróes da Motta foi palco de festas glamorosas e de reuniões que resultaram em importantes decisões políticas.

Colocado à venda pela família, o Casarão foi adquirido no ano 2000 pela Fundação Senhor dos Passos, que posteriormente solicitou seu Tombamento ao IPAC, tornando-o patrimônio histórico cultural pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), na data de 19 de abril de 2006, sob o processo de nº 013/1991. O Casarão mantém em suas instalações além da sede da própria Fundação, o Núcleo de Preservação da Memória Feirense Rollie E. Poppino, nome dado em homenagem ao primeiro historiador de Feira de Santana. O casarão se firma não apenas como um monumento arquitetônico preservado, mas como um símbolo vivo da identidade e cultura do povo feirense, pronto para compartilhar sua história.

